MUSEU PAULISTA

Boletim II — Documentação Lingüística, 2 — Ano I

C. MONTEIRO

Vocabulário Português-Botocudo

Organização, prefácio e notas
de
M. DE L. DE PAULA MARTINS

1948
São Paulo
Brasil

A correspondência **referente a êste** *Boletim* **deve ser endereçada à Chefe da Secção de Documentação Lingüística do Museu Paulista**

Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins

As publicações enviadas em permuta devem ser endereçadas à Biblioteca do

Museu Paulista

Caixa Postal 32-B

São Paulo — Brasil.

2ª capa

MUSEU PAULISTA

Boletim II — Documentação Lingüística, 2 — Ano I

C. MONTEIRO

OBS.:
Ex. 1: Pr

Vocabulário Português-Botocudo

Nak-Ñapmã (nota p. 25)

Organização, prefácio e notas
de

M. DE L. DE PAULA MARTINS

Renato Nicolai

1948
São Paulo
Brasil

1

Ao apresentar, como Boletim n.º 2 da Secção de Documentação Lingüística do Museu Paulista o "Vocabulário Português-Botocudo" de C. Monteiro, seja-me permitido deixar consignados os meus agradecimentos ao sr. Sérgio Milliet, diretor da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, a quem se deve a autorização para o presente estudo;

à srta. Afra de Lima, sua distinta auxiliar, autora do comunicado feito ao Museu Paulista, sôbre o manuscrito 97.641, da Secção de Artes, Raridades e Mapoteca, que chefia, naquela Biblioteca;

aos srs. Herbert Serpa, chefe de Estudos do S.P.I., e Marcos Franco, dos Arquivos da Câmara Eclesiástica de São Sebastião do Rio de Janeiro, por informações e documentos oficiais.

À família dêsse batalhador intrépido — Monsenhor Claro Monteiro do Amaral — a homenagem de

M. DE L. DE PAULA MARTINS.

São Paulo, julho de 1947.

ÍNDICE

Preliminares ..... p. 7

O ms. 97.641 da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo. " 11

Notas ..... " 19

Vocabulário Português-Botocudo, por C. Monteiro, antistite urbano ..... " 23

Relação bibliográfica ..... " 47

Resumo ..... " 51

ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 — Frontispício do manuscrito 97.641 da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo ..... " 10/11

Fig. 2 — Requerimento e cartão de Claro Monteiro confrontados com a primeira página do "Vocabulário Português-Botocudo" ..... " 14/15

Fig. 3 — Monsenhor Claro Monteiro ..... " 16/17

PRELIMINARES

Desde o norte da cidade de Campos, no Estado do Rio, até Belmonte, na Bahia, estende-se uma faixa territorial em cujas brenhas, paralelamente à costa, à altura dos limites de Minas — região que a História consagrou em cintilações de ouro e pedraria —, habitaram velhas tribos aguerridas, cedo reduzidas a alguns aldeiamentos e a grupos mais ou menos nômades, distribuídos pelas margens do Jequitinhonha e do Rio Doce.

Eram os índios "botocudos", apelido que sugeriu o estravagante adôrno de suas orelhas e lábio inferior — o "botoque" —, de que lhes vinha aspecto desagradável e feroz.

A partir da segunda metade do século XVIII, quando começaram a ser conhecidos os índios botocudos (1), propalou-se em tôrno dêles fama de crueldade e antropofagia, que uma guerra brutal de perseguição e de extermínio dolorosamente exacerbou (2).

"O Rio Doce é um inferno", dizia o Governador da Província do Espírito Santo a Saint-Hilaire, que pretendia levar até ali a sua peregrinação (3).

Em princípios do século XIX, quando o Conde dos Arcos, Governador da Bahia, concluia com os botocudos de Belmonte um tratado de paz, o de Linhares, no Rio, fizera erguer postos avançados que, orlando o Doce, rompessem as resistências e garantissem comunicações fluviais entre o litoral e Minas, fornecendo aos espírito-santenses, em troca de seu sal, metais e algodão mineiros.

Eram, então, os botocudos numerosos e temíveis.

Mas em meados do século tornou-se desportivo "matar aldeias" de selvagens. Certo comandante apresentou, em São Mateus, como troféu, trezentas orelhas de botocudos destroçados. Para aguçar o faro aos cães e adestrar a caça ao índio, alimentavam-nos com carne botocuda. Víveres envenenados e o contágio proposital de moléstias graves dizimaram irremediàvelmente essa população, que a luta vinha reduzindo e a venda de mulheres e crianças — o repugnante comércio dos "curucas" —, impedia de se refazer a tempo.

Por volta de 1824 Guido Tomás Marlière, com o auxílio do chefe indígena Guido Pocrane, tentou estabelecer os botocudos em pequenas colônias, em Minas.

No interior da mata, a três léguas da margem meridional do Rio Doce e dez acima de sua confluência com o Piracicaba, num aldeiamento onde se recolhiam malfeitores degredados, Marlière reuniu os botocudos que pacificara, e acolheu bandos fugitivos à procura de amparo contra a devastação da fúria oficial.

Assim se formou a "missão" Petersdorff, cuja história leiga deverá incluir-se, um dia, na história cristã da catequese no Brasil.

Houve, a seguir, novas tentativas de proteção. Conscienciosas algumas, poucas foram eficientes, ou pela parcimônia de recursos ou por seus métodos educacionais. Contaminações infecciosas e etilismo, contribuindo para embrutecimento mental dos índios, provocaram uma depravação que tornou proverbial a degenerescência do tapuia civilizado.

Em fins do século, grandes zonas florestais compreendidas entre o Mucuri e o Doce continuavam desconhecidas. Quando, em 1910, foi criado no Rio de Janeiro o S.P.I., a margem esquerda do Rio Doce, até o braço sul do São Mateus, era habitada quase exclusivamente por índios hostis. Nesse ano haviam-se registado dois ataques seus: um à turma dos engenheiros que trabalhavam no Guandu, outro à fazenda e colônias de Nova Venécia e Pepinuque, no Rio São Mateus.

Datam dessa época os postos federais de Pepinuque, no braço sul do rio, e Pancas, próximo à Serra dos Aimorés, à margem do Pancas, afluente do Rio Doce. Em Pepinuque estabeleceram-se, a princípio, os botocudos da tribo **Jiporók** *e em Pancas os da* Miñãjirũ, *mas os dois postos concentraram-se, posteriormente, em Pancas (4).*

Em 1926 os botocudos dividiam-se entre Pancas e Guido Marlière, em Minas, onde se haviam aldeado vinte e dois botocudos do grupo **Krenák**. *Apenas neste podiam-se ver ainda indivíduos idosos, que conservavam por gaiantaria o seu botoque (5).*

Em 1940, porém, o pôsto de Pancas tornara-se insalubre. Repetidos surtos de impaludismo endêmico fizeram diminuir a população que, sujeita já a afecções do aparelho respiratório — conseqüência natural de uma primeira vida fora da floresta —, procurou localizar-se em pontos mais saudáveis.

Num momento em que pareceu atenuar-se a virulência malárica, estabeleceu-se em Pancas um grupo guarani do sul, em demanda ao norte, reequilibrando-se, de certa forma, a população do pôsto.

Mas o S.P.I. atravessou, então, um período de dificuldades orçamentárias, chegando a dispensar o funcionário auxiliar de Pancas. Entregues a si mesmos, quase sem recursos, os índios solicitaram reforços econômicos e autorização para transferência de sede.

Correndo novo surto, mais violento, da moléstia, algumas famílias mudaram-se para São Paulo, outras para o Pôsto de Assistência Maxacali, no vale do Jequitinhonha. Os botocudos restantes e o grupo guarani fixaram-se em Guido Marlière.

Extinguiu-se, assim, o pôsto de Pancas (6).

Em 1942 havia cinqüenta e nove indivíduos da tribo Krenák *em Guido Marlière. Êsse número mantinha-se no último relatório do pôsto (7).*

São os botocudos atuais. Botocudos sem botoque, sem falarem, muitos dêles, a língua de seu grupo, e esquecidos, certamente, todos, de sua triste e dolorosa história.

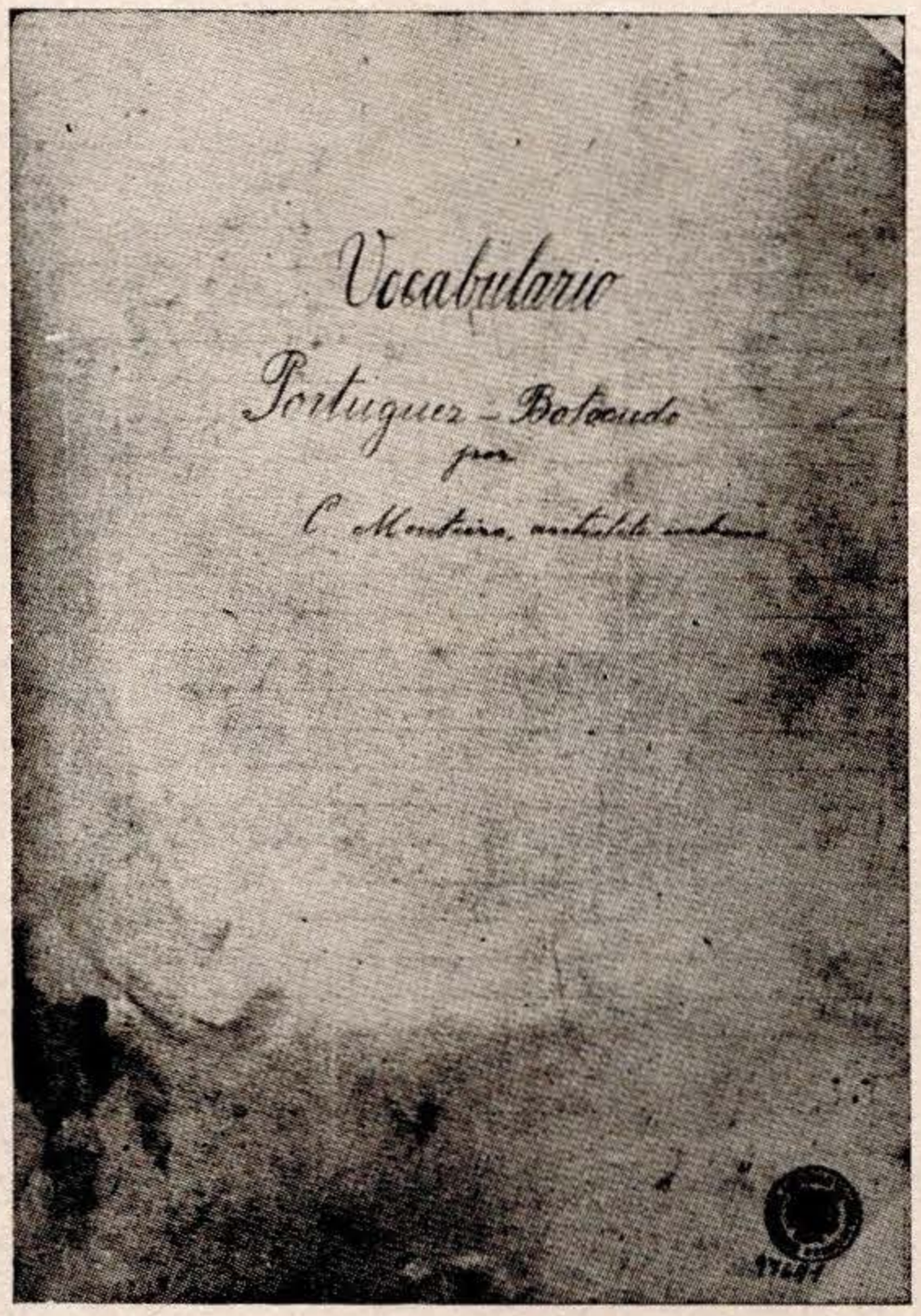

Fig. 1

Frontispício do ms. 97.641 da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

10b

Mais de uma vez, a partir do último século, foram devassados acampamentos de índios botocudos e observados seus costumes e língua.

Desde as notáveis observações do Príncipe de Wied, o primeiro a estudar, em 1816, os botocudos mansos de Belmonte (8), até as visitas feitas, na atualidade, aos postos indígenas do S. P. I., mais de duas dezenas de glossários botocudos se organizaram (9), e notas gramaticais foram tomadas em diferentes pontos e em momentos diferentes, por pesquisadores de nacionalidades diversas, com percepção acústica e preparo técnico não equivalentes (10).

Mas só através dêsses trabalhos, necessàriamente parciais e imperfeitos, reduzidos, apressados e, às vêzes, repetidos (11), será possível o levantamento histórico da língua de que êles fixam aspectos sucessivos.

Tratando-se de indivíduos que a aculturação e miscigenação agora inevitáveis condenam a desaparecimento fácil de prever para breve tempo, seria aconselhável recolher ràpidamente as manifestações finais que ela apresenta e proceder à análise de sua progressiva adaptação ao português, o que fixaria pelo menos uma série de transformações verificadas em língua americana desde o estado de relativa pureza até seu desaparecimento total.

O fato de pertencer o botocudo a grupos de cultura muito rudimentar, conservados, por algum tempo, mais ou menos puros, impedidos, pela sua ferocidade, de cruzamentos entre os próprios índios, e resistindo, com tenacidade, à influência civilizadora dos brancos, valoriza, porém, o seu estudo.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org

Os jesuítas puderam cultivar, no Brasil, a «língua-geral», que era o tupi da costa. À volta dela gira a maioria quase absoluta das referências e documentação do período colonial. O desconhecimento das demais línguas, consideradas «travadas» por dificuldades proverbiais, mas ainda não analisadas, que apresentaram à audição do colonizador, constitui uma das mais graves lacunas da lingüística nacional.

É tempo de indagar em que, precisamente, consistiriam essas dificuldades, sérias bastante para determinarem uma separação língua-geral, línguas-travadas correspondente à divisão tupi-da-costa, tapuia-do-sertão.

A língua dos botocudos, representantes genuínos do tapuia-do-sertão, foi observada a partir do último século e deve apresentar variações fonéticas provocadas pelo uso do botoque.

Reveste-se, pois, de especial interêsse o comunicado feito à Secção de Documentação Lingüística do Museu Paulista, de ter dado entrada na Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, um caderno manuscrito — o ms. 97.641 —, onde se encontra um vocabulário botocudo, segundo tôdas as aparências, inédito.

Trata-se de manuscrito relativamente recente, em papel ofício pautado e encadernado em 34 x 23 cms. Das 29 fôlhas de que se compõe, o vocabulário ocupa as páginas de frente. As de verso estão em branco.

Precede a lista dos verbetes um resumo gramatical. Adendas e interrogações apostas a certos têrmos sugerem pontos duvidosos para o A. e afastam a hipótese de ser o manuscrito uma cópia. Parece, antes, que a obra não chegou a acabamento: a ordem alfabética, nìtidamente delineada, está incompleta, algumas curvas e flechas indicam o lugar para onde devem ser deslocados os verbetes, e uma coluna acrescentada à parte, em vários pontos, indica novos têrmos a serem insertos na lista geral (12).

É um trabalho volumoso em relação aos demais vocabulários botocudos (13). Recomendam-no a exemplificação, com notas, embora às vêzes discutíveis; a indicação de alguns dos têrmos ada-

ptados, que informam sôbre processos de assimilação da língua; cuidados ortográficos convencionados e nem sempre observados, mas que pormenorizam a interpretação fonética; e um pequeno apêndice de frases sôltas, onde se surpreendem aspectos rudimentares da sintaxe da língua.

Principalmente, em estudo onde o confronto é indispensável à garantia da informação documental, êle possibilita, pela proximidade das épocas de observação, comparações com o vocabulário de Rudolph, fixando assim, com segurança, o aspecto da língua botocuda quase século após as notas de Maximiliano de Wied (14).

Prejudicaria, entretanto, a validade do ms. 97.641 como documento lingüístico, a falta de informações sôbre a sua proveniência e autoria.

A autoria de uma obra pode, em certos casos, limitar-se a pormenor bibliográfico. Mas no caso de vocabulário tomado a gentio mal conhecido e quase extinto, de autenticidade difícil, portanto, de verificar-se, torna-se credencial indispensável a garantia das condições intelectuais e dos métodos experimentais do autor.

Tendo-se inutilizado o fichário da Biblioteca do Estado, de onde o manuscrito passou à Biblioteca Pública Municipal de São Paulo (15), as únicas informações sôbre êle são as que constam do próprio manuscrito.

Nenhuma data o localiza, mas seu confronto com os demais vocabulários botocudos acusa, ressalvadas variações ortográficas arbitrárias e individuais, coincidência com quase todos êles, notadamente os do século XIX, o que situaria o trabalho nessa época e na região Rio Doce-Jequitinhonha (16).

Na página de rosto do manuscrito lê-se:

VOCABULARIO PORTUGUEZ-BOTOCUDO
POR
C. MONTEIRO, ANTISTITE URBANO (17)

No lombo da encadernação, em letras douradas:

MONSENHOR CLARO — VOCABULARIO

Sabendo-se que o título «antístite urbano» equivale a «monsenhor», pode-se, com êstes dados, identificar «C. Monteiro, antís-

tite urbano» com «Monsenhor Claro Monteiro», brilhante e heróica figura do clero paulistano, em missão catequética na diocese do Espírito Santo nos últimos anos do século passado.

De fato, confrontados com o manuscrito 97.641 da Biblioteca Municipal de São Paulo, um requerimento constante dos arquivos da Câmara Eclesiástica de São Sebastião do Rio de Janeiro, dirigido, em 1895, pelo então Pe. Claro Monteiro do Amaral, a d. Jcão Esberard, bispo metropolitano, e um cartão particular cuidadosamente conservado pela família Mésseder, em Niterói, foi possível garantir-se, pela identidade das letras nos três documentos (18), não só a idoneidade do título, como a autenticidade do original.

Monsenhor Claro Monteiro do Amaral (19), natural de Pindamonhangaba, no Estado de São Paulo, nasceu em 1-5-1860. Era filho de Bento Monteiro do Amaral, capitão da Guarda Nacional e fazendeiro em São Bento do Sapucaí-mirim. Sua mãe, d. Maria Francisca Monteiro de Melo, era filha do Visconde de Pindamonhangaba e irmã do Barão Homem de Melo.

Claro Monteiro do Amaral cursou o Seminário do Caraça, em Minas. Feito o presbiterato, voltou como coadjutor a Pindamonhangaba, donde passou a capelão do Colégio de Nossa Senhora do Bom Conselho, em Taubaté. Nos anos de 1884 e 1885 foi vigário de Pinheiros, Jataí e Itajubá Velho (20). Capelão, de novo, em Sorocaba, transferiu-se para São Paulo como professor do Seminário Episcopal, onde exerceu também os cargos de prefeito de estudos e tesoureiro. Para o curso de latinidade, que aí dirigiu, escreveu uma gramática latina, que se pode examinar na biblioteca daquela casa religiosa (21).

Em 1893, por provisão de d. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, bispo diocesano, foi encarregado da direção do Santuário da Aparecida, onde sua energia corrigiu abusos e sua caridade atingiu extremos. Por ocasião da epidemia de cólera-morbo em Cachoeira e Cruzeiro, saiu da Aparecida a pé, durante a noite, e iludindo a vigilância do cordão de isolamento, penetrou no hospi-

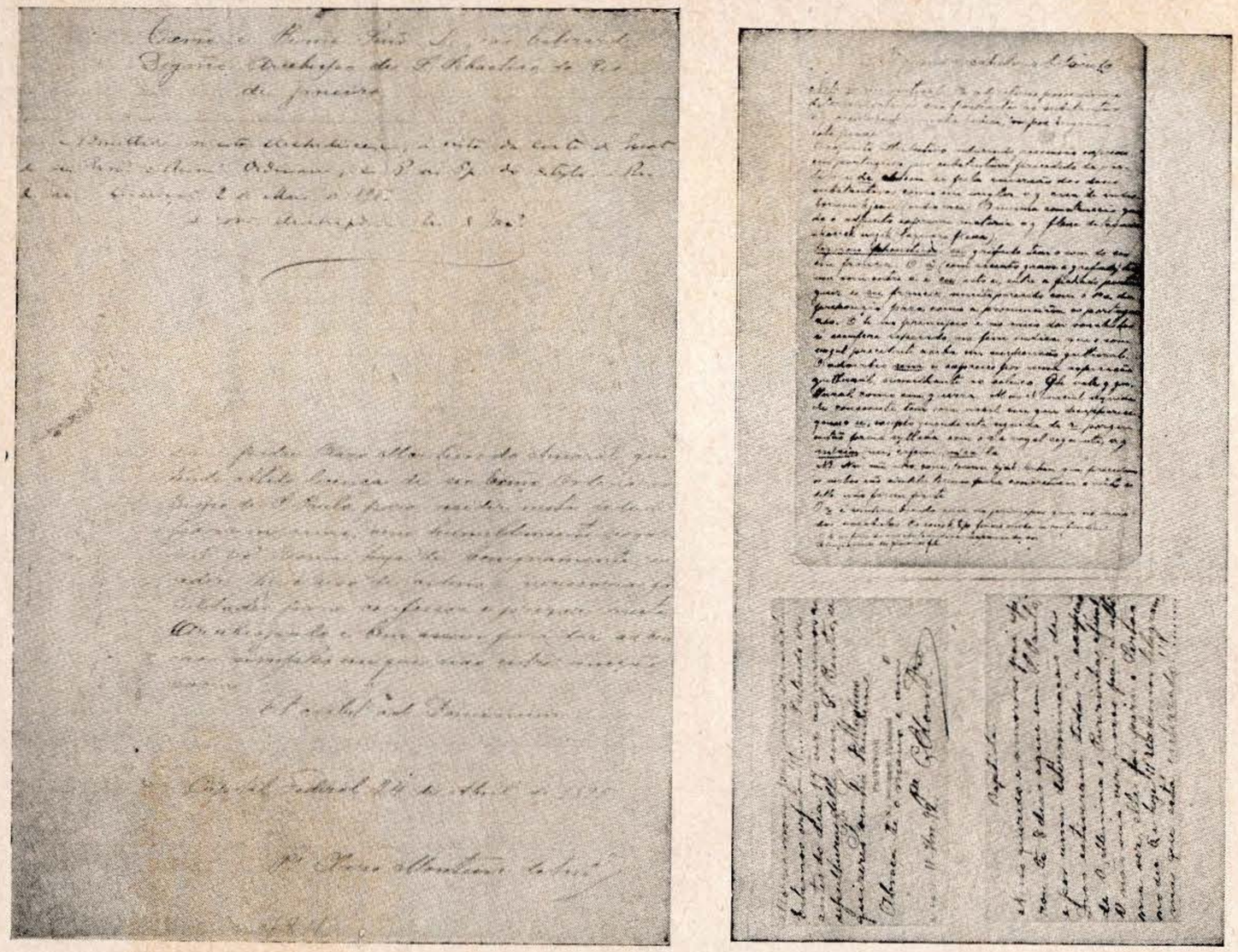

Fig. 2
Requerimento e cartão de Claro Monteiro confrontados com a primeira página do *Vocabulário Português-Botocudo*

447

tal, onde trabalhou como enfermeiro e prestou aos enfermos socorros espirituais (22).

Em 1895 seguiu para o Rio de Janeiro. Foi professor de matemática e latim no Seminário Arquiepiscopal de São José, no Rio Comprido, mas dedicava-se, diz uma das notícias publicadas por ocasião de sua morte (23), a estudos de história do Brasil, geografia, história natural e, sobretudo, antropologia indígena.

Em artigos insertos na «Revista Católica» (24), sua pena enérgica revela um polemista inteligente e impetuoso, inflamado pela causa da Igreja e pela causa nacional.

Seus períodos longos, ciceronianos, vergastam, com a autoridade da cátedra e a violência de seu temperamento, a corrupção de uma sociedade que lhe parece mergulhada na ambição do ouro e na sensualidade dos prazeres.

Seu zêlo patriótico clama contra a invasão e a aceitação dos estrangeiros introduzidos no país, mas não nacionalizados. Sabe que é necessário conter as massas populares. «O futuro é das democracias», diz, «e contra elas não há mais elementos eficazes de resistência» (25). As massas, porém, estão contaminadas de estrangeiros.

... Se a catequese transformasse em cidadãos a multidão de índios esquecidos e menosprezados?

— Seria dispensável a colonização estrangeira.

— Por que, então, não há catequese?

— Porque o voto do índio não influi na apuração das cédulas eleitorais. Porque a política é orientada pela maçonaria, que persegue e vilipendia a Igreja. Porque o afilhadismo governamental concede a funcionários apadrinhados e bem remunerados cuidados que só se deveriam confiar a missionários dedicados e honestos (26).

Decidido a desenvolver uma campanha de civilidade, Claro Monteiro entrega-se ao estudo das línguas indígenas. Consta que conhecia guarani, tupi e as linguagens de diversas tribos (27).

Quando se criou a diocese do Espírito Santo, abrangendo territórios compreendidos entre o Mucuri, ao norte, e o Itabapoana, ao sul, do Atlântico ao Rio Preto e à Serra dos Aimorés, onde viviam tribos botocudas, seu primeiro bispo, d. João Batista Correia Neri, convidou-o para auxiliar a instalação da nova sede.

Em janeiro de 1898 percorriam ambos, em canoa, a pé, sob sol e sob chuva, terrenos arruinados ou desconhecidos, habitados por italianos, alemães, índios bravios e humildes brasileiros (28).

Um novo aspecto de Claro Monteiro revela-se, então, nos artigos que a «Revista Católica» continua a estampar: enquanto o orador sacro clama por apôio para a catequese, um historiador disserta, salpicando, embora, na pesquisa e na emoção das ruínas, pequenas intransigências clericais (29).

Falto de recursos para o programa de sua diocese, para atender, principalmente, às exigências dos pobres botocudos «murados no vale do Rio Pancas, ali explorados, perseguidos pelos civilizados» (30), d. Neri volta ao Rio de Janeiro e a São Paulo, a angariar donativos da caridade pública e oficial. O Pe. Claro acompanha-o (31). Mas não tarda a regressar ao Espírito Santo, viajando, então, pelo Rio Doce, muitas vêzes a pé, a água a cobrir-lhe os joelhos porque o caminho, pela margem, no meio, era enramado de espinhos e ameaçado por setas selvagens. Entre botocudos mansos permaneceu por mais de um mês, dormindo num jiráu, tendo por travesseiro uma acha de lenha, aquecendo-se ao fogo. falando a sua língua e ensinando-lhes os misteres da civilização (32).

Em 1899, por solicitação de d. Neri, em recompensa pelos serviços prestados à diocese, Sua Santidade o Papa Leão XIII conferiu-lhe o título de «antístite urbano». Mas quando, em 1900, d. Neri foi transferido para Pouso Alegre, já Monsenhor Claro se transportara, novamente, a regiões selvagens.

Índios residentes na aldeia de *Yý*, nas proximidades da atual Itaporanga (33), haviam, em 1898, reclamado contra a invasão e expoliação territorial de que vinham sendo vítimas (34). Em fins

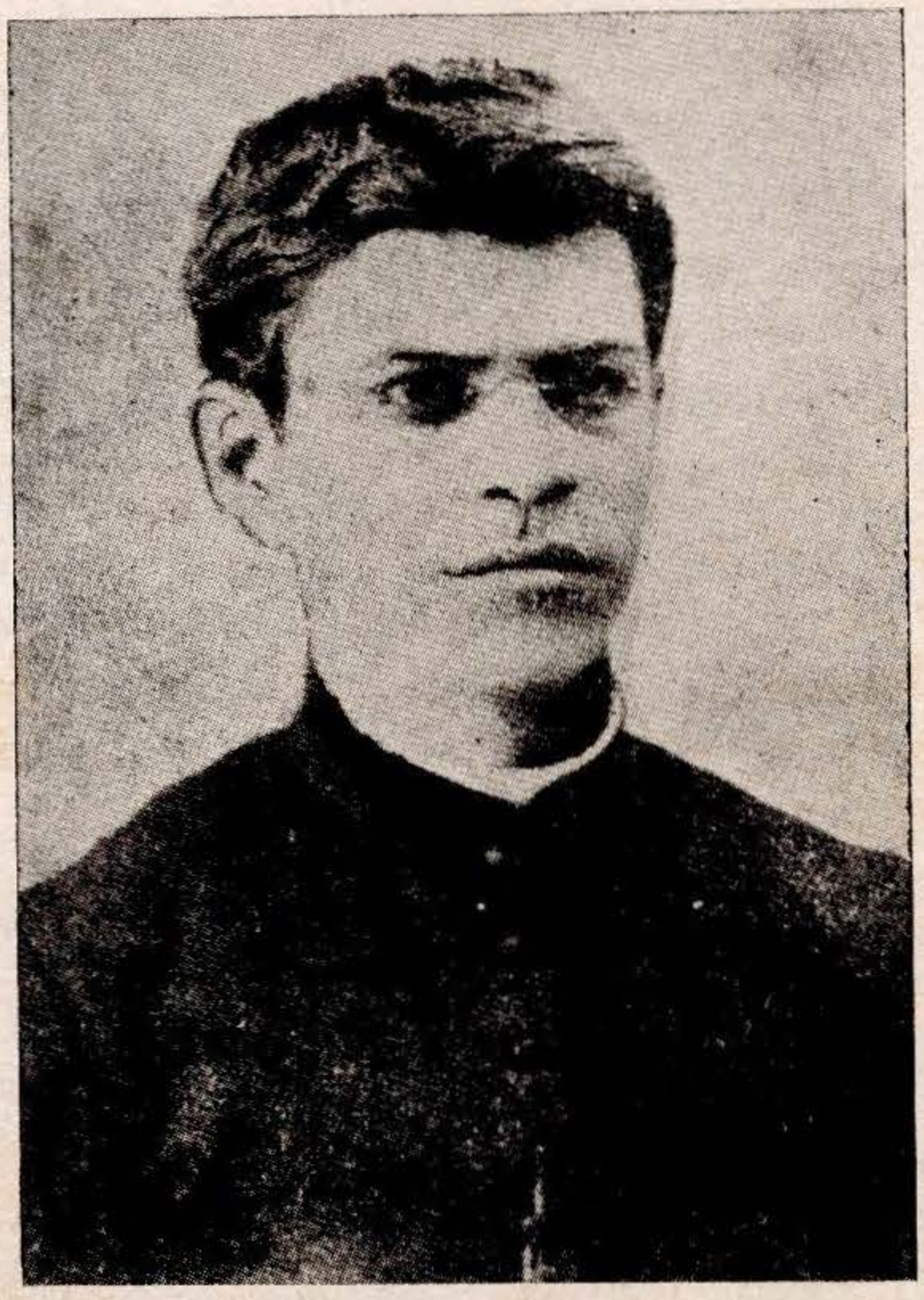

Fig. 3
Monsenhor Claro Monteiro do Amaral

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org

16b

do século, dizimas repetidas, provocadas por ataques dos selvagens, em que sucumbiram bàrbaramente alguns civilizados, impressionavam a imprensa paulista. Parte das vantagens obtidas pelos índios nas sortidas era atribuída ao desconhecimento do curso inferior dos rios Feio e Peixe, no município de Bauru (35).

Em começos do século XX, impávido diante dos perigos que lhe apontavam amigos experientes, Monsenhor Claro resolveu tentar a pacificação das tribos revoltadas, defendendo-lhes os interêsses e organizando entre elas um serviço regular de catequese.

Em setembro dêsse mesmo ano o Barão Homem de Melo, apresentando ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro uma proposta de sócio-correspondente para seu sobrinho, justificava-a com um estudo sôbre os índios do sertão de Bauru (36). Em janeiro de 1901 Monsenhor Monteiro recomeçava ali os seus trabalhos catequéticos.

Era plano seu garantir aos índios, nas margens do Aguapeí, uma reserva territorial onde se pudessem estabelecer, e distribuir entre êles certa quantidade de gado, facilitando a sua passagem do estado nômade, de caça e pesca, para uma vida sedentária, de criação e lavoura.

Com êsse desiderato voltou a São Paulo e solicitou recursos a Rodrigues Alves, presidente do Estado. Por seu intermédio dirigiu ao Congresso, em março, uma representação no sentido de ser assegurada aos índios a propriedade rural e de se estabelecerem missões católicas na sua região.

Quando regressou a Bauru, corria a notícia de estarem refugiados, não longe da confluência do Aguapeí com o Paraná, muitos índios expulsos de seus aldeiamentos. Ninguém ousara, até então, atingir essas paragens descendo o Feio, em cujas margens havia hordas bravias. Mas Monsenhor Monteiro estava decidido a ir ao encontro dêsses índios, que desejava proteger e garantir. Por outro lado, tentava-o a exploração do rio e a determinação de sua foz, que supunha ser no Aguapeí.

Embora já tivesse visto incendiada uma barraca, onde depositara provisões, fêz construir duas canoas e, munido de santi-

nhos, missangas e outras miuçalhas, com pequena guarnição de índios mansos, partiu de Guaraniúva, aldeia indígena situada à margem do Ribeirão das Lontras e último ponto povoado, para tentar a descida do rio.

Durante vinte e quatro dias a jornada prosseguiu, encontrando vestígios de índios e portos de pesca, onde Monsenhor ia deixando seus bentinhos. Ao vigésimo-quinto as provisões escassearam. Iniciou-se o regresso.

Seriam três horas da tarde quando a embarcação de Monsenhor Monteiro foi atingida por uma chuva de flechas dirigidas de uma das margens do rio. Dois índios mansos, sentindo-se feridos, atiraram-se à agua. Os outros, amedrontados, seguiram-nos e ganharam a floresta a nado, pela margem oposta.

Foram êles que contaram, depois, no povoado, que, ferido e abandonado, Monsenhor ficara na canoa, os índios bravios saltaram dentro dela...

Alguns objetos seus — anel, óculos, batina — foram devolvidos à família. Suspeitas insistentes de assassínio industriado por posseiros interessados em impedir a sua ação política, silenciaram lentamente perante o inquérito policial, que concluiu pela culpabilidade irresponsável de um grupo *Kaingáng* novamente internado na floresta.

Em 1905, sustando ataques dos selvagens, uma turma de engenheiros conseguiu descer o Feio até o Aguapeí e atingir, por êste, o Paraná.

Informações de Antônio Roque, índio guarani que acompanhara a expedição de Monsenhor Monteiro, localizaram o ponto em que fôra atacado (38).

A Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, encarregada dos estudos topográficos daquela região, trocou, então, a denominação do Ribeirão das Trilhas, até ao qual chegara Claro Monteiro, para *Rio Padre Claro* — expressivo preito à bravura do missionário que tombara vítima de seu ardor evangélico, patriótico e científico (39).

N O T A S

1 — As referências a "botocudos" constantes dêste trabalho devem ser entendidas relativamente aos da região supra e a partir das notícias em que lhes é dado êsse apelido. Excluem-se, portanto, as que digam respeito aos grupos *Kaingáng* e *Guarani* de Santa Catarina, Paraná e sudoeste paulista. Nem se consideram outras, já condenadas, em que os botocudos são tomados como descendentes do antigo gentio aimoré (Handbook, I, 531. Cf. Chagas, 203; Ihering, 49; Otoni, 192; Tschudi, 1, 18). Aliás, classificando as línguas indígenas do Brasil, Chestimir Loukotka destacou o botocudo como família autônoma (Loukotka, 152).

2 — A carta régia de 13-5-1808 (Vários Documentos, 783-784), dirigida pelo Príncipe Regente ao Governador da Capitania de Minas, oficializou a campanha e teve conseqüências lastimáveis, freqüentemente referidas nos anos subseqüentes, ora em crueldades praticadas contra os botocudos, ora em represálias bárbaras da parte dêles (Cf. Eschwege, II, 88-94; Freyreiss, 251; Guido Tomás..., 83, 116; Otoni, 193-198; Tchudi, 1, 18-19 e 2, 263-264).

3 — Saint-Hilaire, 1, 125.

4 — S.P.I., 1, a.

5 — Abreu, 571-573.

6 — S.P.I., 1, a.

7 — S.P.I., 1, b, c. O número que figura no relatório é de 77 habitantes, distribuídos em dois grupos: *Krenák*, 59, *Guarani*, 18, êste definitivamente fixado no local.

8 — Wied, 299 e seguintes.

9 — Cf. Abreu, 594-601; Almeida, 451-452; Castelnau, V: 249-262; Ehrenreich, 47-61; Estigarríbia, 40-52; Latham, 509-512; Marlière, 1; Martius, 177-194; Neri, 62-65; Porte; Renault, 1093-1115; Rudolph, 1-85; Saint-Hilaire, 2, 133-134; Silva, 77-84; Trança; Tchudi, 2, II, 288; Wied, 477-483. Alguns dêstes vocabulários repetem-se: Castelnau, por exemplo, apresenta a lista organizada por Renault; Martius acrescenta a uma lista l colhida por êle e Spix, as de Castelnau e Porte; Ehrenreich reune as listas de Martius (cf. 13). Conservam-se inéditos: o "Vocabulário Português-Botocudo" de Marlière, datado de 1835 (Marlière, 2); o "Vocabulary of the language of the Botocudo" (Hartt, 2), que deveria completar o "Appendix on the Botocudo" (Hartt, 1); vários glossários organizados por Curt Nimuendaju e atualmente pertencentes ao Museu Nacional (Nimuendaju, 1); três outras listas organizadas por inspetores federais e que se encontram nos arquivos do S.P.I. (S.P.I., 2, a, b, c.). Esta relação não está completa. Alcide d'Orbigny refere 200 verbetes, dos quais reproduz alguns no quadro lingüístico anexo a sua obra (Orbigny, II, 347 e I, 164); Hartt cita um vocabulário de Echwege (Hartt, 1, 606), etc.

10 — Cf. Ehrenreich, 39-46; Goetling; Guérios; Hartt, 1. 603-606; Jomard, 107-108; Marlière, 3; Neri, 62 e seguintes; Nimuendaju, 2; Rudolph, VI-VIII.

11 — Cf. 9 e 13.

12 — A "mãe — *jupú*" acrescentou-se "Maitaca (pássaro)—*'mpokeutchá*"; a "*Mar — maranã*", "Marcar — *na pâuêt*// Maracanã (pássaro) — *jocũ-ak*", etc.

13 — Dos vocabulários botocudos o principal é o de Bruno Rudolph (Rudolph). Os outros limitam-se a pequenos glossários: Tschudi (Tschudi, 2, II, 288) apresenta 61 vocábulos; Martius aparenta maior material porque reune em quatro, sete listas de que pôde dispor (Martius, 177). Ehrenreich reproduz Martius refundido e em ortografia homogenizada.

14 — Cf. 9, 13.

15 — Da primeira conservam-se apenas os registos "n.º 158" e "59-XXI-3". Suponho que fazia parte de um lote destacado da Biblioteca Homem de Melo.

16 — Pode dar idéia dessa coincidência o quadro anexo.

17 — Fig. 1.

18 — Fig. 2.

19 — Fig. 3. Informações biográficas sôbre Claro Monteiro do Amaral encontram-se esparsas e nem sempre corretas e concordes, em notas dos jornais de São Paulo, Rio e Minas, em maio e junho de 1901; F. N.; R. S.; R. S. E. C. I., 73-82, 102; S. C., 249; Castro; Leme, 363; Marcondes, I, 44; Melo; Pitanga; Pompeu, II, 34, n.º 516; Ribeiro, II, 2.ª parte, 533.

20 — Informação do rev. Cônego Bento Monteiro do Amaral, irmão de Monsenhor Monteiro. A F. N. de 2-6-1901 substitui Jatai por Sapé. O presbiterato foi feito em Mariana, 1-4-1883.

21 — Atual Seminário Central do Ipiranga. Cf. Monteiro, 2.

22 — F. N., 2-6-1901.

23 — S. M., 26-5-1901; C. S. P., 21-5-1901.

24 — Monteiro, 1, a-t.

25 — Cf. R. C. VI, 171-172, nota de 2-11-1897.

26 — Monteiro, 1, a.

27 — C. S. P., 21-5-1901. De fato, na sua memória sôbre os indios do noroeste paulista (Monteiro, 3), discute etimologias indigenas, revelando pesquisas que teria feito sôbre cantos gravados em grafofone (ib. 265).

28 — Monteiro, 1, k.

29 — Monteiro, 1, k, p.

30 — R. C., VII, 281.

31 — Monteiro, 1, p.

32 — F. N., 2-6-1901. Devem datar dessa época (1898-1899) uma noticia sôbre os botocudos do Espírito Santo, a que alude em outro trabalho (Monteiro, 3, 263), e os apontamentos do vocabulário ora dado à estampa (Monteiro, 4). E' provável que a confecção do trabalho seja posterior, porque encabeça a obra o titulo "antistite urbano", que lhe foi conferido mais tarde (fig. 1). Quanto ao primeiro, que deveria constituir complemento natural do vocabulário, não me foi possivel localizá-lo.

33 — Antiga São João Batista do Rio Verde.

34 — J. B., 9-7-1898.

35 — A Estrada de Ferro Sorocabana havia, desde 1890, promovido estudos sôbre as cabeceiras dos rios Feio e Peixe, mas o curso inferior dêsses rios permanecia inexplorado, ignorando-se se o Feio era o mesmo Aguapei, se afluente dêle, se desembocava no Paraná ou no Tietê (Moura, 3-4).

36 — Monteiro, 3. Cf. Ata da reunião de 14-9-1900 (R.I.H.G.B., LXIV : 494).

37 — C. S. P., 30-6-1901.

38 — Lima Júnior, 12.

39 — Hummel, 1.

	1815-1817 (Wied, 1)	1817-1820 (Martius, 1, I)	1835 (Marlière, 2)	1836 (Renault)	1866 (Hartt, 2)	(M
ÁGUA	magnán	magnán	munhám	munhangue	magnán mĭn-yam miñan	m'
DENTE	kiiún	küun	ki-yúne	junne kuiiûm	kiiúñ kischiun kĭ-jūn	kj
FOGO	chompäch	chompack	shompeik	tchone-pek	chompäck tschompak ghompeck giompequi jampec	tch
IRMÃO	kgiparack	kgíparak	ikják	kiiak	kgiparack yik-i-yāk macun	kj
NARIZ	kigín	kiginn	kizin	jinne kijínk	ki gíñ kejen kischin kujink	kj
ÔLHO	ketom	ketom	kitomm	kêtomme	ketom kĕtom kıtöm equitongh	ke
PAI	kgikan	kgikann	gikáne	iikanne	kgikañ jükün pocarem	kji
PEIXE	impock	impock	impók	impok	empoca ep impock m'pauk	un pó

2)	1898-1899 (Monteiro, 4)	1903 (Rudolph)	1912 (Estigarríbia)	1921 (Silva)	1926 (Abréu)	(1939) (Nimuendaju)	1945 (S. P. I., 2, b)
	m'nhã	minjam niam mián nian minjan	munhangue	munhan	munhâm	mãyáñ	minhãn
	kjun'	tschini jun kijun	kijume	june	djúm	kiyúdn	qi-úne
k ak k ui	tchompék	tschon pek	jonpéc	jonpek	djompég	čompék	the úm-leréq
k	kjak	kijak kjak intschak	kijác	——	——	ñgia.k	guiará
	kjýne	kijim	gena	gin	djin	kayídn	——
gh	ketôme	kitom	kitome	quitom	quitáun	ketóm	quitó
n	kjicáne	kischikan kijikan jikan	jican	gican	djicâna	ñgíken	guii-cône (papai)
	umpók pók	himpok	——	baúk	ambóc	——	bóka tandôim (p. pequeno) bóka unmramo (p. grande)

MPARATIVO REFERENTE À NOTA 16

VOCABULÁRIO PORTUGUÊS-BOTOCUDO

POR

C. MONTEIRO, antístite urbano

PEQUENO VOCABULÁRIO BOTOCUDO (1)

NOTA GRAMATICAL (2)

Os adjetivos possessivos e determinativos são pospostos ao substantivo, v. g. *cren' **nhiuk*** — minha cabeça, *'**mpok** 'ngame* — êste peixe.

O adjunto atributivo indicando possessão, expresso em português por substantivo precedido da partícula *de*, obtém-se pela inversão dos dois substantivos, como em inglês, v. g. casa de índio — ***borum kjeme*** (índio casa). A mesma construção quando o adjunto exprime matéria, v. g. flecha de taquara — *kecrok **uagik*** (taquara flecha).

---

(1) *Em 1900 havia na diocese do Espírito Santo três tribos botocudas: a* Gut-Krak, *bravia, entre a Serra dos Aimorés e o Rio Mutum, contando mais de quinhentos indivíduos, a* Nak-Ñapmã, *de índios mais acessíveis, entre o Rio Mutum e o Pancas, com cêrca de cem indivíduos, e a* Miñãjirũ, *nas matas do Pancas, Lagoa de Juparanã, Rio São José, etc., nômade (Neri, 66-67). Monsenhor Claro não teria recolhido o seu vocabulário na* Gut-Krak *porque além de sua conhecida ferocidade, que dificultaria o trabalho, algumas frases revelam, no final da obra, curiosidade de conhecê-la: «Quantos dias se leva para chegar até os* Gut-Krak ? *Quero visitar os* Gut-Krak. *A moradia dos* Gut-Krak *é longe ?» (Cf. Frases sôltas). Nem estaria entre os* Miñãjirũ, *a respeito dos quais indaga: «Onde moram os* Miñãjirũ ? *V. já foi à terra dêles ? Êles andam vestidos ou nus ?» (ib.) É forçoso admitir, portanto, que êste vocabulário tenha sido recolhido na tribo* Nak-Ñapmã, *isto é, nas matas de entre o Mutum e o Pancas.*

(2) *Na reprodução do manuscrito, a parte em português foi transcrita em ortografia oficial e colocados os verbetes em ordem alfabética, já observada, mas ainda não rigorosa, no original. Essas alterações tiveram em mira facilitar a consulta, preferindo incorrer na crítica de cometer-se anacronismo e sacrificarem-se pormenores de interêsse para bibliófilos e colecionadores, a dificultar o trabalho científico de pesquisa. A rigor, dever-se-ia transcrever tambem em alfabeto fonético a parte em botocudo. Faltando os tipos indispensáveis, manteve-se integralmente a ortografia do A. Isto provoca certo conflito com as demais referências, grafadas conforme as regras adotadas por êste* Boletim. *Para evitar interferências pessoais na apresentação da obra, mantiveram-se a distribuição dos verbetes e seu conteúdo, nem sempre ótimo, mas acrescentou-se, quando pareceu útil, a referência «V. ...» na letra competente, para vocábulos incluídos em pontos esparsos. Foram mantidas, nesse propósito, as próprias irregularidades do texto (cf. acentuação e grafia diferentes para o mesmo vocábulo, às vêzes da mesma linha).*

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org

SINAIS FONÉTICOS

Eu (grifado) tem o som do «eu» em francês. O *â* (com acento grave e grifado) (3) tem um som entre «**â**» e «eu», isto é, entre «**a**» fechado português e «eu» francês, muito parecido com o primeiro «a» da preposição «**para**» como a pronunciam os portuguêses.

O *h* no princípio e no meio dos vocábulos é sempre aspirado, no fim indica que o som vogal precedente acaba em suspensão gutural (4).

O advérbio «sim» é expresso por uma aspiração gutural semelhante ao soluço.

Gh vale *g* gutural como em «guerra».

M ou *n* inicial seguida de consoante tem som nasal em que desaparece quase o *u*, exceto quando está seguida de *r*, porque então forma sílaba com o *r* e a vogal seguinte, v. g. *m'rin* (nu, capim), ***n'rá*** (lá) (5).

N. B. — *Nu, nũ, nho, cone, tocone, kjak, knhin*, que precedem os verbos, são simples têrmos para concretizar o verbo e dêle não fazem parte.

O *r* é sempre brando, quer no princípio, quer no meio dos vocábulos.

Os sons *k, t, p* finais ainda se confundem.

O *h* no fim do vocábulo indica suspensão da voz.

A língua carece dos fonemas *f, l* (6).

*
* *

---

(3) *Embora o A. indique acento grave, grava-o circunflexo.*

(4) *Esta convenção não se m«nteve, no decorrer do trabalho. Ao lado de «beiço* — **japikýh**» ; «*brejaúva ou ari (palmeira)* — **ha-hâm**» ; «*debulhar* — **arẽh**», *lê-se : «alma* — **gicaram'**» *; falecer* — **coem'**» *; fazer muchocho* — **mĩnhut'**», *com um apóstrofo sôbre o qual nada se informa. Não se informa, também, sôbre o significado do apóstrofo inicial e medial, exs.: «abrir* — **'mprát**; *acococorar-se* — **'ntũ-nhiép**; *afundar* — **mũk 'rak** ; *folhagem* — **c'rýta**», *etc.*

(5) *Desta nota poder-se-iam deduzir três outras :*

1.a) Em língua botocuda tôdas as consoantes podem ser nasais (cf. tupi e guarani antigos e modernos b, d, g*);*

2.a) Formando-se, com m'r, n'r *uma sílaba anterior* m (u) r —, n (u) r — *a suarabacti, no botocudo, como no guarani antigo, fêz-se em* - u - *(cf. tupi antigo* - a - *) ;*

3.a) A adaptação do l *fêz-se, em botocudo, como em tupi e guarani antigos, onde também não existia o fonema, em* r *brando, nasal no botocudo:* **n'rá** *deve ser adaptação do português* **lá**.

(6) *Acrescente-se* z.

A

Abaixar — nho-hôk.

Abalar — cone han-ha-ha *ou* nũ cuon.

Abanar — nu-pmõu.

Abandonar — apán.

Abelha — ipijacáne paquijú (=*tuijuva grande*).

Abóbora — ma-hone.

Aborrecido — cráng.

Abotoar — apók.

Abraçar — nu-merék. — *se mùtuamente* — numerek nugrimpó.

Abraço — am-merek.

Abrir — 'mprát, jut, e-heĩ. *Abra a porta*, abatang mprát; — *a camisa*, tang nhinúne jut; — *os olhos*, ketóm e-heĩ.

Acabar — nu-hõume, anguin. *Acaba a casa*, kjem houme; *acabou a comida*, amancút anguin; *acabou* — anguin.

Acender — (*fogo*) pe-heĩ; (*luz*) ambrúk.

Acha — cone ampĩ.

Achar — ampíp.

Acima — bacuí.

Acocorar-se — 'ntũnhiép.

Acolhimento — *V. Amigo.*

Acompanhar — kjak auê mũ-neĩ.

Acordar — cang, merát *ou* mero-hót.

Acre — areu.

Açúcar — ketome nik *ou* chúke (*do port.*).

Açucena — pok-jeuk.

Adiante — raný.

Adultério — kijúh inkek (=*ladrão do coito*).

Afável — cantcháne.

Afiar — cone m'rép. *Faca afiada*, crák m'rép.

Afincar — nu-chik.

Aflição — crang.

Afogar-se — mũk' rak. *Morrer afogado*, m'nhán cueme.

Afundar — mũk' rak.

Agarrar — pêne. *V. Pegar.*

Agasalho — *V. Amigo.*

Agitar — uúk-uúk, na-háte. *A canoa agita-se*, tchon cate uúk-uúk ime; *mar agitado, bravo*, maranã na-háte.

Agonia — pé-hék.

Agora — 'mpâ. *Dá-me* —, 'mpâ ume.

Agressor — jakjâme (*corrupção de* kjak jame = *arranhar o companheiro*).

Água — m'nhã. — *ardente*, nhâ gróp *ou* grók; — *corrente*, m'nhang emũ.

Agulha — 'nguý (*voc. novo*).

Ainda — 'nguánk.

Ajoelhar — nhingrak intũ (=*dobrar a curva*), *ou* kekrý 'ntuhúm (=*dobrar joelho*),

Ajuntar — mok-hoũ.

Alça — giták.

Alcançar — praĩg. *A canoa vem* — *nos*, tchon cate nĩ praĩg.

Alcoviteira — tchin unkemong (?).

Alegre — cantcháne. *Você hoje está alegre*, oti antchune cantchane.

Algodão — tomaid-jú.

Algodoeiro — ringhenton, *Maçã do* —, cren inrúk.

Alma — gicaram'.

Almoçar ou jantar — cone atchin.

Altivo — majoking (?).

Alto — pouín.

Amanhã — tempráne.

Amansar — jakjâme 'mpâte (= *bravo bastar*); — *pássaro*, bacantcháne.

Amar — kjak making *ou* prame gicaráme (= *querer muito*).

Amargo — gróp *ou* grok.

Amarrar — cone 'mnhiik *ou* nu reut.

Amarrotar — tentũtũ.

Amêndoa (*de qualquer fruto*) — pompâ.

Amigo, acolhimento, agasalho — nhin making.

Amolar — 'ngrâk. *Amole a faca*, crak angrâk.

Amontoar — ketonpoũ.

Ananaz — heron-tchone.

Andar — mũ. — *depressa*, aprom mũ; — *de um lado para outro*, júruujú.

Andorinha — nhoríne.

Anel — pó-tupók.

Angina — coc'rék gítchá (=*garganta ardente*).

Anil — cone hime (=*cousa escura*).

Animal silvestre — tchin. *V. Bicho.*

Anjo — knang mek-mek (=*rapaz pequeno*).

Ano — jocone makinhâme (=*passado velho*).

Anta — cup-m'ráng.

Antebraço (*rádio e cúbito*) — 'ncré-jét.

Antepassados — crêne aranī (?).

Antes — pek-hũ. *Bebo* —, pek-hũ 'njóp.

Antigamente — jocone aranī (?).

Antraz — nhoũ (?).

Anu (*pássaro*) — critá-tchá.

Ânus — kijóh-tang.

Anuviado — tarú 'mbruk. *V. Escurecido.*

Anzol — mâk-nhang.

Apagar — cone uenpeī. — *se*, cuéme. *Apagou-se o fogo*, chompek cuéme.

Apanhar — cone pen (*pegar*), 'mpat-ũ, kíte. *Apanhe mamão*, crot 'mpat-ũ; *apanhe água*, m'nhan kíte. *V. Tomar.*

Apertar — cone mêne.

Apoderar-se — *V. Pegar.*

Apoplexia — 'mpokijek (?).

Aquecer-se — cutên-mapê *ou* cutýme.

Aqui — cré *ou* 'ngâme. — *estou*, nhiep cré *ou* ame cré, nhiep 'ngâme.

Araçá — jup-jeup.

Aranha — angorý. — *caranguejeira*, angory paquijú.

Arara — nhatarâne.

Arco — nême.

— *íris* — juk uane jakjame (=*ururau bravo*).

Areia — nho m'nhang.

Ari — *V. Brejaúva.*

Armas — neme uagik (=*arco e flecha*).

Arrancar — cone 'ntik.

Arranhar — kjâme, giritchík.

Arrastar — cone 'ntchorôte.

Arrebanhar — mók-hoũme (*vide ajuntar*).

Arrebentar — nu-tnẽh *ou* umpiýh.

Arrebitar — intá-koũne.

Arrepiar — tũtũ (*vide amarrotar*).

Arroz — capín crene *ou* marôte (*do port.*).

Árvore — tchone jeut.

Asa — ĩnúne. *Pena da* —, 'mpmakê; — *de peixe*, 'mpok jajúk. *V. Pena.*

Áspero — náh. *Pele áspera* (*grossa*), cate náh.

Aspirar — nu-k'ron.

Assar — (*na brasa*) ôp; (*na panela*) gitcheuk.

Assentar — ĩnhiép.

Assento — (*banco*) ĩnhiép tchone; (*nádegas*) nhame-nik. *V. Nádega.*

Assobiar, assobio — ũ an.

Assobio — *Assobiar.*

Assoprar — nu cú *ou* acú.

Atalaia — nhin crôkipe (?).

Até — tchak.

Atiçar o fogo — gicutúk.

Atirar — nu-angríng. — *flecha*, uagik angring.

Atrás — anchoré.

Atrasar-se — teute-neī.

Atravessar — mũ-prâ (=*andar além*).

Atrevido, confiado, malcriado — kecarý.

Avaro — king (?).

Avó — umpũ jakeu.

Azêdo — areu.

B

Babar — nhan c'rit ajú, *ou* nhan c'rit jujú.

Babosa (do mato) — kpok-pouk.

Bagre — 'mpok unrã.

Baguari (pássaro) — cau-cau.

Baixo — jou-há, nak. *Para* —, *Em* —, *idem*. *V. Curto, Em baixo.*

Balaio — urú.

Banana — gipocâne. *Bananeira* — gipocane tchone. *Banana ouro*, gipocane uâne tontone; — *prata*, mak nhinrame; — *de São Tomé*, — nhimetũ; — *da terra*, — ua-há.

Bananeira — *V. Banana.*

Banco — *V. Assento.*

Banda — *V. Lado.*

Banha — *V.* budút.

Barba — jak-jeut-ké (=*pêlo do queixo*).

Barbado (bugio) — cupirík.

Barbante — bambã *(voc. novo)*.

Barrete, boné — crêne tepók.

Barriga — cuáng. *Barrigada (intestinos)* — cuáng.

Barrigada — *V. Barriga.*

Barro — nak nhót (=*terra mole*).

Bastante — *V. Muito.*

Batata — nene, tome nek.

Bater — moũ, pâ (?). — *ovos*, a-a-han incúk moũ; *chover*, m'nhã pâ.

Bêbado e embebedar-se — tominhóc. *V. já ficou —?* Oty jocone? *Nunca fiquei —*, Nhik-jocone nuk.

Beber — jop. *Beba primeiro*, jop irá. *Sêde*, m'nhã jop. *V. Sêde.*

Begônia (do mato) — peroróca.

Beiço — japikýh. *Também significa «já ter falado».*

Beija-flor — monhocunhũ.

Beijar, beijo — uháp *ou* kjak pin-hút.

Beijo — *V. Beijar.*

Beira, beirada — japróg-heu.

Beirada — *V. Beira.*

Beliscão — *V. Beliscar.*

Beliscar, beliscão — nũ-téi.

Bem — gingin, re-heĩ, ty, gy. — *depressa*, ap'ron-ty; — *maduro*, rá gingin; — *feito*, pyre-heĩ; — *grande*, gi pakijú.

Bentevi (pássaro) — procry-tchá.

Bexiga — 'mbijáme.

Bexigas, varíola — manhé-nêne pakjú.

Bicho, animal — tchin. — *de pé, etc.*, tũ; — *de pau podre (serve de comida ao índio)*, petaráng tome. *V. animal silvestre.*

Bico — kjúne *ou* june. — *vermelho*, june bruk.

— *do peito (seio)* — pareuk gine *ou* june.

Bigode — japikyh-ké (=*pêlo do beiço*).

Biscoito — bicôt (voc. novo).

Bôca — himpmã (*e também* japikýh).

Bocejar — pe-hék.

Bochechudo — japikyh mât (=*bôca cheia*).

Bócio — *V. Papo.*

Bode — mémé.

Boi — pococrý.

Bolo — ame tu-húme (=*cousa dobrada*).

Bolso — (*do paletó*) m'pot-máh *ou* mak innanpâ; (*das calças*) *idem.*

Bom, bonito — eré-hé.

Boné — *V. Barrete.*

Bonito — *V. Bom.*

Borboleta — jakekék.

Borrachudo (*mosquito*) — mocũáme.

Bosta — 'ncú.

Botão — bentoũ (*voc. novo*).

Botar fora — nũ-gring.

Botoque — *V. Rodela.*

Boubas — nhum.

Bracelete — *V. Braço, Colar.*

Braço — innúne. *Osso do* —, innune jék. *Bracelete*, po-heut.

Branco — nhome. *Gente branca*, craý *ou* cray girúm.

Braseiro — chompek prom.

Bravio — *V. Bravo.*

Bravo, bravio — jak jâme.

Brejauva ou ari (*palmeira*) — ja-hâh.

Brejo — pitác.

Briga — jak-jâme.

Brigar — py. *Porco não briga com capivara*, corêk himpoũ uê py nuk.

Brilhante — cone m'rin-hin-hin *ou* m'rin-m'rê.

Brincar — inchũ.

Bronquite — *V. Catarro.*

Bubão — amrú (?).

Bucho, estômago — tchin-broũ.

Buraco — nak atú *ou* nak-mah.

Buscar — timũ (?) timũ ampek, kite.

Buzina — crene djoéme (= *chifre da cabeça*).

Búzio — cone coũ.

C

Cá — crê *ou* cuá.

Cabaça — poh-juýne.

Cabeça — créne. *Cabelo* — creneké.

— *branca* (*cabelo*) — crene nhome.

Cabelo — *V. Cabeça.*

Cabo (*de instrumento*) — gi-haupe.

Cabra — mémé.

Cabresto — crene june nhu cujúme (= *corda da cabeça e focinho*).

Caça — tchin.

Caçar — ja-há *ou* nhokin-há.

Cachaça — nhan-grop *ou* cachache (*voc. novo*).

Cachimbo — cuáte. *Canudo do* —, cuát gi-haupe.

Cacho de indaiá — pont-cheuk-pók.

Cachoeira — m'nhang uók.

Cachorro — *V. Cão.*

Caçoar, zombar — 'ntápe.

Cadeia — crak arone kjak puk ap'kré (= *ferro comprido cruza o outro chorando*).

Café — (*em coco*) — cone créne rá (= *cousa fruta madura*).

— (*em pó*) — cone hime (= *cousa preta*).

— (*bebida*) — m'nhan hime (= *água preta*).

Cágado — crok-tchók.

Cair — tan-rup. — *com violência*, k'rak.

Cajá — m'rok-nhame.

Caimbra — nhic unhite 'nteik (= *arrebento o nervo*).

Caitetu — hok-uên.

Calar-se — (*ficar quieto*) pumpât; (*guardar silêncio*) ame re-heĩ.

Calcanhar — potchâ.

Calçar — cone âtapá.

Calças — kjak tang tinhim.

Calo — pó-tnhane.

Calor — gitchá. — *forte*, hú-húh.

Calvo — crene m'rin.

Cama — nacamm (*voc. novo*).

Camarada, companheiro, outrem — kjak.

Camarão — potýme.

Cambaúba — crocó-gy.

Caminho — braũ.

Campainha, glote — kjak encóten.

Campo, pasto — am'rin (= *lugar de erva*).

Cana (*de açúcar e outras*) — nu m'rin.

Cancã (*ave*) — nak nak pane.

Caneca — cu-hy *ou* nhat nheik (*voc. novo*).

Canela, tíbia — m'rúme.

Canga — pococrý tchone (= *pau do boi*).

Canoa — tchon cate (= *casca de pau*).

Cansado — *V. Cansar-se.*

Cansar-se, cansado — rararát.

Cantar — nu angrý. — *o pássaro*, bacáne puk; — *a moça*, orang angrý.

Cantiga — tarú angrý. *Também significa a dança que acompanha o canto.*

Canudo do cachimbo — *V. Cachimbo.*

Cão, cachorro — ingoũ (*voc. novo*).

Capar, castrar — tcham' untik (=*arrancar os escrotos*).

Capinar — nak-átchá.

Capivara — himpoũ.

Capoeira — *V. Uru.*

Capote — kjak m'ráme.

Cara — (*rosto*) knhimpoũ; (*fig.*) ketome. — *suja*, ketome hime.

Caramujo — énn.

Carapinhé (*ave de rapina*) — hon-hon.

Carapuça — craput (*voc. novo*).

Cardume — 'mpok nhãuite (=*muito peixe*).

Carne — nhiik *ou* tchin.

Carniça — tchin ũam (=*carne fedorenta*).

Caroço (*de fruta*) — pont-jâme.

Carrapato — (*grande*) mok-inhá; (*pequeno*) inhá.

Carregar — 'ntâp (?) rimũ, tâ igy. *A formiga está carregando a farinha*, prik porýn tâ igy ime.

Carrilhão (*pássaro*) — kjak naknã.

Caruncho — hantoũ.

Casal — gitchocâne.

Casamento, casar — kjem'á.

Casar — *V. Casamento.*

Casca — cáte.

Cascar — angróng. — *milho*, jauatý angrong.

Cascudo (*peixe*) — nhan-gacú-hát.

Cassari (*peixe*) — 'mpok-girúm (=*peixe senhor ou branco*).

Castigar — nu-cúam (?).

Castrar — *V. Capar.*

Catarro (*tosse, constipação, bronquite*) ango-gíne.

Cativo — c'rijôta (?).

Cauda — juk. — *de peixe*, jajúk, ('mpok) genetapút.

Cavalo — cauváne (*voc. novo*).

Cavar — nakatú, nak umantú.

Cavocar — ũ-in.

Cebola — chembô (*voc. novo*).

Cedo — am' pimpĩ *ou* antchune. *Vim* —, antchún' (ame nĩ) *ou* tenĩ.

Cego — am'pipe nuk (=*não ver*). *Faca cega*, crak jú nuk.

Cemitério — cone ũ ín *ou* nantchon kjeme.

Cera — paketome cate *ou* ipijacáne ketome cate.

Cercar — anheúte.

Cerração, nevoeiro — am'píme. *V. Nevoeiro.*

Céu — tarú.

Chá — nhan nek *ou* kjip (?).

Chamar — pecák. — *se*, juntchák.

Chapéu — crene cate *ou* capête (*voc. novo*).

— *de sol* — tepó capête.

Chato — umpá.

Chegar — japreu.

Cheio, encher — cone mât.

Cheirar — *V. Cheiro.*

Cheiro, cheirar — cuý (?), bú. *Cheirar bem*, bú ré-hé; — *mal*, bú tone.

Chifre — djuême.

Chiqueiro — inchême. — *de peixe*, 'mpok inchême.

Chocar (*ovos*) — gipín.

Chorar — puk. *Olhos chorosos*, ketome pâ mât.

Chover — *V. Bater.*

Chuço — tchone june (=*bico de pau*).

Chumbo — pum jame (*caroço de espingarda*).

Chupar — jop *ou* nu-hék. — *fruta*, nu atúp.

Chuva — m'nhan pâ (=*água goteja*). *V. Saraiva.*

Cigarro — cûmame *ou* cumpman.

Cílios — ketome ké.

Cinto — cupaníme 'nhiik (=*amarra cintura*).

Cintura — cupaníme *ou* tchá taníme.

Cinza — tchá-cú.

Cinzento — nhinrame (?).

Cipó — (*em geral*) cujúm'; (*feculento*) atchá.

Clara (*de ovo*) — nhan crýt.

Claridade — *V. Claro.*

Claro, claridade — antchune; (*côr*) nhome *ou* girúm. ***Menino*** —, cotâ girúm; *pau* —, tchone nhome.

Coberta — kjak m'ram'. — *de casa*, kjeme tchám, areuk, tchone pá (?); — *de zinco*, rát.

Cobertor — kjak m'ram'.

Cobra — crang.

Cobrir — m'rám'.

Cócega — nhim' tâh *ou* ere-rét (?). *Fazer* —, kjak atâik.

Coco — pont-cheuk. — *de sapucaia*, hácáte; *miúdo* (*espécie*), rôrô.

Coelho — patik.

Coitado! — tit nanteĩ do! (?).

Colar — jipó-heute, po-heute (*bracelete*).

Colher — cudjé (*voc. novo*).

Cólica — cuáng-ncrúng.

Com — awê *ou* uê. *Comigo*, nhik uê.

Comer — 'mcút'.

Comichão — 'ncuk-'ncúk.

Comida — amancút.

Comigo — *V. Com.*

Como — nók. — *se chama isto?* Ingám' juntchak.

Companheiro — *V. Camarada.*

Comprar, trocar — nu nhũ.

Comprido — orône. *É* —, am' orône. *V. Longo.*

Concha — enn *ou* 'mpok cate.

Conduzir — knhin tamông.

Confiado — *V. Atrevido.*

Conhecer — jagy.

Constipação — *V. Catarro.*

Contato — nhunhík. *V. Toque.*

Contente — cantcháne.

Conversar — anhamprám.

Convidar — knhin pecák.

Cópula, copular — euk'rín.

Copular — *V. Cópula.*

Coração — tetúm.

Corcova, corcovado — jojék-nã.

Corcovado — *V. Corcova.*

Corda — cujum'. — *fina*, m'rín; — *do arco*, neme gitá.

Cornos — juême.

Corpo — cáte (?).

Corredeira — m'nhang m'ron tý.

Córrego — m'nhan tuvó.

Correia — tchin cate (=*couro de caça*).

Correr — brók-brók. — *a água*, m'nhan gine chúh.

Cortar — cone aknẽ. — *com faca*, c'rak nẽ *ou* me-hep; — *madeira*, tchone mang.

Coruja — ócócâne.

Cosido — gicheuk. *A comida está pronta*, amancút gicheuk.

Cosinhar — angtót.

Costela — intãh.

Coto, troncho — nôm'.

Cotovelo — ime gigý *ou* gigy-cry (?).

Couro — *cáte.*

Covar — nak-atóũ.

Covarde — tone.

Coxa — mak *ou* mak jopók.

Coxo — mũ tone (=*anda mal*).

Crina — gipu-ké (=*pêlo do pescoço*).

Cru — tipe.

Cruz — tchone chak p'krê.

Cuia — cu-hý.

Cunhado — gy-june.

Curar — nũ tir-hak.

Curto, baixo — meik-meik. *V. Baixo.*

Cuspo, escarro — nhan c'rit'.

Custar — okinhime. *Custa falar*, aũ okinhime.

D

Dança — *V. Cantiga.*

Dançar — tarú anték.

Dar — up múne; jók-jék; húme. *Dei uma canoa*, tchon cate up-mune; *dá-me o cachimbo*, cuáte húme. — *abraço*, nũ merek; — *pancada*, nũ mong.

— *abraço* *V. Dar.*

— *pancada* — *V. Dar.*

De cá — game.

— *lá* — n'rá.

Debulhar — arẽh. — *milho*, jawatý arẽh.

Dedo — (*das mãos*) pó tepý; (*dos pés*) pó gíne.

Defecar — inkuk.

Defloração — kijoh atú, *ou* juknã vê eknhok.

Defronte, fronteiro, em linha reta — aprom'. — *do outro,* kjak wekan.

Degolar, matar — nũ pak tom tchon' (?).

Deitar-se — cuýp (?).

Deixar — 'mpât'; waingam'; nu-kũ (?).

Delator, denunciante — itchok eron'.

Demência — crene tône; en'hó (?).

Demônio — nantchon.

Demorar-se — *V. Parar.*

Dente — kjun'.

Dentro — pompâ.

Denunciante — *V. Delator.*

Depenar — bacâne — ké hôme; nũ meĩ. *Toma e depena,* um' nũ meĩ.

Depois — 'mdat. *Bebo* —, 'mdat jop. — *de amanhã,* temprán untchák.
— *de amanhã* — *V. Depois.*

Depressa — apmron, nit na-hang.

Derramar — nu *ou* jú. *Derrame água,* m'nhan jú.

Derrubar — mang. — *madeira,* tchone mang.

Desarmado — 'nkin pocryn (?).

Desatar — nu pripe.

Descansar — hac-hirá, prancang (?).

Descascar — nu pripe.

Descer — nu tchik, inchú. *A água desce,* m'nhang inchú.

Descida — tchik.

Desdentado — kjun' nuk.

Desejar — curáne. *V. Querer.*

Desencaminhar-se — kjeme knhim cane nuk (= *não achar a gente a casa*).

Desforçar-se — nu acang (?).

Despertar — cang *on* mero-hot.

Destripar — cuang antik (= *arrancar tripa*).

Deus — Tupáne.

Dextro — m'ron ipraũ.

Dia — antchúne.

Diabo — nantchon.

Diarréia — cuang tarantang.

Dinheiro — gringrin.

Direito — nujung, aprũ. *Vá* —, nujung mũ; *pau* —, tchone aprũ.

Disputa — curyn nherone (?).

Dissimular — am' pawuý.

Distribuir — hup-hup.

Do lado de cá — game.

— — — *lá* — gam'rá.

Doação, dote — am'up.

Dobrar — nũ nhe-heik. — *a roupa,* ja-cang nhe-heik.

Doce — nék.

Doença, doente — momon. *Meu filho está doente,* nhik cruk momon.

Doente — *V. Doença.*

Doer — 'ngót 'ngót, nu rũ, raik-raik.

Dois — grimpó.

Donde — *ocré.*

Donzela, virgem — runú cuang.

Dor — gitchá, 'ngot 'ngot, jo-hauk (?).

Dormir — cukjun'.

Dote — *V. Doação.*

Duro — mron.

E

Eco — paumm, um-ĩ, huang-huá.

Ela — *V. Êle.*

Elas — *V. Êle.*

Êle, ela, êles, elas — antchuk.

Êles — *V. Êle.*

Em baixo — jowá, nak. *V. Baixo.*

— *cima* — pouyn gimĩ, jucupâ.

— *linha reta* — *V. Defronte.*

— *pé* — té-hý (?).

Embaúba — jeut m'ráne.

Embebedar-se — *V. Bêbado.*

Embira — cujúme. — *uçu,* jeut nẽ; — (*outra espécie*), djingin.

Empilhar — kjak tók-tók.

Empoleirar-se — túpe.

Empurrar — nãná wute (?) crau-hung, nu-pmét.

Encalhar — poketnéh, moróne (?).
Encher — cone mât. *V. Cheio.*
Encostado — tetyh.
Engasgar — nũ gote nuk.
Engolir — nũ gote.
Engraçado — knáh.
Enrugar — corók.
Ensinar — jagy (pohan meagik?).
Então — heuk.
Enterrar — nak mrâme, (pacapé?).
Entrar — mũk' rak.
Envenenar — name atocône.
Enxada — crak teute.
Enxugar — pijourúm, nũ merek, (nime tchenkeng?).
Escada — powy.
Escaldar — hau-hau (?).
Escama — 'mpok cate *ou* tatú.
Escamar — 'mpok aráne.
Escapar, escapulir — tigy-óne.
Escapulir — *V. Escapar.*
Escarlate — brucucúk.
Escarro — *V. Cuspo.*
Esconder — tchak-ntchang (?).
Escorpião — tominhapmok.
Escrever — conhin pówéte.
Escroto — tchame.
Escuma — nhorópe.
Escurecido, anuviado — tetú.
Escutar — apâ, tchopó. *Sente e escute,* apâ inhép; *escute no chão,* tchopó cuype.
Esfolar — cate hóme.
Espêlho — ketome we câne *ou* ti'ntchâ pipe (= *olhar para os olhos, ver a outro*).
Esperar — irá.
Espêto — tchone djúne (= *ponta de pau*).
Espiar — *V. Olhar.*
Espiga — créne.
Espingarda — umpúm.
Espinha — ha-héune. — *dorsal,* jó-gék.
Espinho — hacâne. — *de taquara,* ke-crok untjicáne.
Espírito — jicarâme.
Espirrar — ak-nhime.
Esquecer, esquecimento — aneĩ nũ (= *não lembrar, sem saudade*).
Esquecimento — *V. Esquecer.*
Esquilo — juk-nék.
Estacar — *V. Parar.*
Estar — *Não tem correspondente absoluto, v. g., está chovendo,* m'nhan pâ ime; *as formigas estão carregando a farinha,* prik porin tâigý ime; *isto está furado,* tocone map'mmá; *Martinho está trabalhando,* Matín inchup'ũ; *está duro,* m'rong cuang; *está seguro,* men' m'ron (= *pegado forte*); *está aqui,* ingáme; *está direito,* ere-heĩ; *está frio,* am'burú; *estou bom, obrigado,* ere-hé, nucatý; *onde está?,* acré cone?; *a água está fria,* m'nhan im'cheuk; *estou com fome,* tchingurane *ou* nhim'tu cuang.
Esteira — jitê (*vôc. novo*).
Estômago — *V. Bucho.*
Estrangeiro — *V. Estranho.*
Estranho, estrangeiro — craý. — *louro,* tarijáne.

F

Faca — crak. *Facão,* crak pakjú.
Facão — *V. Faca.*
Face — (nhin) pondjék.
Falar — aũ. *Já falei, não falo mais,* pikík *ou* japikík. *V. Beiço.*
Falecer — coém'.
Falsidade — japacuýne.
Farinha — poryn.
Fava — tocone crene. — *de Santo Inácio,* catã.

Fazer — tupy. — *muchocho*, minhut'.
— *muchocho*. — *V. Fazer.*

Febre — gitchá, hú-hú. — *intermitente*, mararã (?).

Fechar — nu pók'. — *janela ou porta*, am' pmá pók (=*está buraco fechar*).

Fedor — ũ'-am'.

Feijão — jawatá. — *arbusto*, jam'hime (=*fôlha escura*); — *do mato*, ũ-ap.

Feio — tone. *Muito* —, pipacareuk.

Fel — jane.

Fêmea — jupunan *ou* juk nam', chocane (*para tudo*).

Fêmur — *V. Perna.*

Fenda — uimpým.

Ferida — nhitiá (?).

Feroz — jak-jâme.

Ferrão — júne. — *do camarão*, pó.

Ferro — crak.

Ferrugem — himbrú.

Ferver, fervura — mót-mót. — *muito*, 'nguat 'nguáten.

Fervura — *V. Ferver.*

Fétido — ũ-am'.

Ficar — atop nun-tchúne *ou* inchúne. — *calado*, patak inhép; — *quieto*, atop nun.

Fígado — cupang.

Filho — cruk.

Fita — crene nhiik (=*amarra cabeça*).

Flecha — uagik. — *farpada*, uagik pok; *de taquara*, uagik hôme; — *com roseta*, mou minhak.

Flor — ingaký.

Fogo — tchompék (=*pau crepitante, aceso*).

Foice — crak tane.

Fôlha (*de cipó, abóbora, batata, etc.*) — jeut.
— (*larga?*) — jame. — *de palmeira*, po-jeut.

Folhagem — c'rýta.

Fome — tchinguráne (=*desejo caça*), nhim'tú cuang (?).

Fonte — m'nhan uípe (am'péhéta?).

Fora — knhokinhak.
— *de horas* — *V. Tarde.*

Fôrça — majocom', *ou* nhin uin nhyt' m'ron (=*eu cavoco com nervo duro*).

Forcado — tchone ketame (tchone nhi uin nhite?).

Formiga — prik.

Fossar — juhut' (*ou* nhingrê juhút'?), nak uin (=*cavar terra*).

Fraco — mnáh.

Franco — acâ?

Fratricida — kjak ampâk.

Frigir — veĩ, nu ry.

Frio — *s.* am'burú; *adj.* tcheuk. *Tempo* —, ametcheuk. *A água está fria*, m'nhan imetcheuk (gimetcheuk?).

Fronteiro — *V. Defronte.*

Fruta — crene, nháme (*ou* iba?).

Fugir — oré-hime, - cujú (?).

Fumaça — *V. Fumo.*

Fumar — intá hóme, *ou* innang tá home, *ou* cumen'ime.

Fumo, tabaco — khum' *ou* khum' gitang. *V. Tabaco.*
—, *fumaça* — 'ngâkâ *ou* chompek tá-home.

Fundo — *adj.* mât.

Furar — nu tec, n'-ungró.

Furtar — inkek.

G

Gafanhoto — geporók.

Gago — aũ nuk *ou* tone (=*fala não ou mal*).

Gaivota — uatú tchá.

Galho — mak.

Galinha — ha-ha-han.

Galo — ha-ha-han uáhá (=*macho da galinha*).

Gambá — junjú.

Gamela — cú-hy. *V. Tigela.*

Gancho — tchone ketome (=*olhos de pau*); — *de ferro*, tchoré nhin m'rang (?).

Garça — hok-hok nhôme.

Garganta — cocarék.

Gato — cuparak-gy, cracajá.

Gavião — hon-hon. — *penacho*, hon-hon gipakejú.

Gema (*de ovo*) — 'nku mbrúk.

Gêmeos — cruk nhin grá.

Gemer — hen-hen *ou* aũ gh'rone.

Generoso — acâ (?).

Gengiva — june jopók'.

Gente — knhin, kjak antchuk. — *estranha*, craý. *V. Branco.*

Glote — *V. Campainha.*

Goiaba — acón crene. *Goiabeira*, acón *ou* bakarék.

Goiabeira — *V. Goiaba.*

Gordo — jococâne. *Gordura*, corek jú humãh *ou só* humãh.

Gordura — *V. Gordo.*

Gota — m'nhan cheup, pâ.

Gotejar — m'nhan cuchôk.

Gralha — jucũ-ak.

Grande — pakejú, himpmaráne. *Muito — ou maior*, gipakejú.

Gravatá — tchon jon. — *feculento*, careut.

Grilo — jeporok.

Gritar, grito — cũ án.

Grito — *V. Gritar.*

Grosso — mak-at'ná, nhimetũ.

Grota — am'gueron, nak'ró.

Guaitica — geem'.

Guardar — cone ampá. — *silêncio*, *V. Calar-se.*

Guariba — cupirik.

Guaricanga — braũ-braũ.

Guaxe — jacaré-june.

Guelra — gichú.

Guerra — crut nuhúm *ou* kjak uy-pé (?)

Guerreiro — mak jocôme.

Guiar — knhin tamang.

H

Hâbil — m'ron iprãu.

Hábito (*moral*) — kjak angnet-nẽ.

Hermafrodita — uahá chocane (=*macho-fêmea*).

Hérnia — nhom'.

Hidropisia — cupang m'ron (?) *ou* cuang m'ron (=*barriga inchada*).

Hoje — tarú nime, temprã nuk.

Homem — uahá. — *casado*, uahá git-chocane; — *impúbere*, cotâ; — *púbere*, tchem' nahan; — *velho*, mak inham'.

I

Icterícia — ketom' nhome.

Idade, tempo — am'jocône gicaram' (=*o muito passado*); jupú knhin jocône (=*mãe gente passada*).

Ilha — tamon-home.

Imberbe — ké-nuk.

Imitar — aũ jagy (=*sabe falar*).

Inchar, inflamação — knájêng.

Indaiá — pontcheuk.

Inflamação — *V. Inchar.*

Ingá — makinhê crene.

Inhambu — (*mirim*) ampm' rang; (*guaçu*) jahacũ-ek.

Inimigo — kjak-jâm' (=*companheiro ou gente brava*).

Injuriar — purýn.

Inseto — paté (?).

Insosso — jeuk.

Intestinos — *V. Barriga.*

Inundação — m'nhan mât.

Ir — mũ. — *embora*, oré mũ; *vá assim mesmo*, mũ ẽ am'rin; *vá e volte já* —

braũ ti renĩ; *vá deitar-se*, timũ cuýp; ***vá-se embora***, mũ jambá; *vai dormir*, cukjúne amũ; *vou à casa*, kjeme uá mũ; *vou-me embora e não volto*, kjeme uá mũ mpát.

*— **embora** — V. Ir.*

Irara — jupjún.

Irmã, semelhante — gicutang. *Irmão* — kjak.

Irmão — V. Irmã.

Isca — tchin nhúre nhine. *Iscar anzol* — makinham' atúk *ou* hat-hek *ou* tchin.

Iscar anzol — V. Isca.

Isso, isto — tocon'ime, 'ngam'.

Isto — V. Isso.

Italiano — tarijane.

J

Já — pime. — *sabes*, oti jagy pime; *não vá —*, mũ nuk irá.

Jaborandi — ginnép.

Jaboti — gut.

Jaboticaba — mokinhék.

Jaboticabeira — mokinhãkinhã.

Jacarandá — meremé *ou* tit nhame cudjek (?).

Jacaré — e-hé.

Jacu — han-han.

Jacutinga — pocorini.

Jantar — V. Almoçar.

Jaó — anguiók cugy (=*macuco pequeno*).

Japu — jacaré june.

Jaracatiá — patarâng.

Jati — macanáh.

Jequitibá — gicâtâk.

Joelho — kecrý.

Junta — ningré tentũ.

Juriti — cuem'.

L

Lá — nherá, m'rá, k'rá *ou* nherã, *etc.* Jauaty huang m'rã, *há milho acolá.*

Labareda — tchompek ambrúk (=*luz do fogo*).

Lábio — himpmá.

Laçada — V. Laço.

Laço, laçada — tap-herac (?).

Lacrau — kencré.

Lado, banda — cupá nim'.

Ladrão — inkék.

Lagartixa — gatâme.

Lagarto — jak'ré.

Lago, lagoa — pitác.

Lagoa — V. Lago.

Lágrima — pâ, (pung angrá hang?).

Lama — nák nhót (=*terra molhada*).

Lambari — pok umbá.

Lamber — nu kinháp.

Lâmpada — V. Luz.

Laranja — crawung.

Largar, soltar — apáne.

Latir — incoũ.

Lavar — curyn.

Lavrar — nu tchá.

Leite — pareuk.

Lenço — tang.

Lenha — tchom' cuem' (=*pau morto*).

Lepra — ancúk pakijú.

Levantar — nã him' *ou* oré-him'.

Levar — rimũ.

Limão — crawung cugy areu (=*laranja pequena azêda*).

Língua — itchók.

Liso — uék.

Lobinho — nhã.

Lombo — jojek nhiik (=*carne da espinha*).

Longe — uáng.

Longo, comprido — rône *ou* arône.

— tempo — jocône.

Lontra — num'rik.

Lua — munhák. — *cheia*, munhak pakijú; — *nova*, munhak guy tontône.

Lugar — am'nim'. — *feio, ruim*, am'tône.

Luta, lutar — nu tchó.

Lutar — *V. Luta.*

Luz, lâmpada — crantéi.

M

Maçã (*do algodoeiro*) — *V. Algodoeiro.*

Macaco — tchereĩ.

Machado — crapók.

Macho — uahá.

Machucar — tchau-tcháu, tchu cune, matík. *A cabeça está machucada*, crene tchau-tchau im'.

Macio — knhók.

Macuco — anguyuók pakijú *ou* pó-haũ.

Maduro — cone rá.

Mãe — jupú.

Magro — nieĩ *ou* nhien.

Maior — *V. Grande.*

Maioral — *V. Principal.*

Mais — intá. *Derrame — água*, m'nhan intá geĩ.

Maitaca (*pássaro*) — 'mpokeutchá.

Malcriado — *V. Atrevido.*

Mama — pareuk.

Mamão — crót.

Mamar — jop.

Mamona — javoung.

Mandioca — ampigik *ou* majók.

Manduri (*abelha*) — jacâp.

Manso — kjak jâm'nuk (crin-cring?).

Mão — pó *ou* pótepy. — *de pilão*, pirik; — *direita*, pógeĩ; — *esquerda*, pó nhincang nuk.

— *de pilão* — *V. Mão.*

Mar — maranã.

Maracanã (*pássaro*) — jocũ-ak.

Maracujá — poc-rô-hone.

Marcar — na pâuêt.

Margem — num'nhang.

Marido — tjocane.

Marimbondo — pan tocône.

Martinho pescador — nhé.

Mastigar — nu-kinháp, nu teik, minhók-minhók.

Matar — ampâc. — *com faca*, encró. *V. Degolar.*

Mato — numat (*voc. novo*), tchon'. — *afastado*, tchon' heráne; — *próximo*, tchon' am' tacuý.

Mau — ton'. *V. Muito mau.*

— *cheiro* — uam'.

Maxilar — (*inferior*) kjak jek; (*superior*) himpoũ jek.

Medir — tapawé.

Mêdo — cukýne. *Eu não tenho* —, nhi cukyn' nuk.

Medonho — pipa careuk.

Meio — copó. — *dia*, tepó copó inhep (=*o sol está no meio*).

— *dia. V. Meio.*

Mel — pam, ipijacáne.

Melado — am'nek (=*está doce*), pãm.

Melancia — ma-hone cugy.

Melhor — ere-he gicaram' (=*muito bom*).

Membro — (*viril*) kjúk; (*feminino*) kjóh.

Menino — nang.

Mênstruo — kijok aũ tchak (*ou* kijók kirin?).

Mentir — japacuhyn' (?).

Mentira — cuhýn.

Meretriz — jucnã.

Mergulhão (*pássaro*) — cráo-cráo.

Mergulhar — mũc'rák.

Metade — knó.

Meter — cone angrô.

Meu, minha — nhik, nhiuk, nhin.

Mexer — jo-hut'. — *se*, atôp.

Mica — tacruk umpâ.

Milho — jauatý.

Minha — *V. Meu.*

Minhoca — nek'rýn.

Miolo — pompâ. — *do crâneo,* jucorát.

Moça — croponým', jocán' orang, runú cuang.

— *brasileira* — nhonrã.

Moço — orang e cotâ.

Moela — nimbraũ.

Mole — knhók.

Molhar — nhonhon.

Mono — kipók.

Montar — huk inhep avan.

Monte, morro — jopyk.

Morar — inchún'.

Morcego — knhi-knhók.

Morder — crôp.

Morrer — cuêm'. *Morreu há muito,* cuem' djocône.

Morro — *V. Monte.*

Mosca — câp'.

Mudo — aũ nuk.

Muito — *adj.* nhã-uýte, erúca (*vários*), ruhú (*bastante*); *adv.* gicaráme. *Foi — para lá,* nherá gicarame.

— *grande* — *V. Grande.*

— *mau, perdido* — ám'jagy nuk (=*é sem conhecimento*). *V. Mau.*

Mulato — cate 'mbrúk.

Mulher — (*bem vestida*) nhonrã; (*outras*) croponýme; (*solteira*) jocáne potchik *ou* orang; (*casada*) jocáne (tchocáne); (*perdida*) jócnã (?).

Música — pantã nungry (=*todos cantam*).

Mutum — poutchang.

N

Nada — am'nuk.

Nadar — kjúme.

Nádega — procotáme. *V. Assento.*

Não — nuk, nũ, annem. — *há ou — há mais,* anguýn; — *presta,* tóne; — *tenho,* nhin cone am'nuk, anguýn. *V. Ter.*

Nariz — kjýne.

Narrar — ãnhá prã.

Nascente — tepó tehút.

Nascer — te-hút, cruk-tá, eknang-tá (*para animais*). *V. sair da casca.*

Naufragar — mũ k'rak, mũ ráne.

Navegar — tetú (?).

Negar — nuk im' (?).

Negociar — nu knhũ.

Negro — hime. *Homem —,* craý tone cate híme.

Nervo — knũ im'-ihýk *ou* niminhýte.

Neto — cutú nang.

Nevoeiro — angúk nhũ. *V. Cerração.*

Nhambu — *V. Inambu.*

Nhandaia — ret net net.

Ninho — bacán' untchême.

Níquel — *V. Prata.*

Noite — tarú tetú.

— *clara* — tarú tetú am'júne.

— *escura ou alta* — taru ampýme.

Noitinha — tarú m'ruc-m'ruc.

Nós — nangrâne.

Novo — orang.

Nu — m'rin *ou* cát jeuk.

Nuca — crennhõn.

Nuvem — angú kinháme.

O

Obscuro — anũ ók (?).

Ódio — keráng.

Oferecer — práme.

Olá! — hawé, knú!

Olhar — uecáng (tchá, ketome?). — *para cima, vigiar, espiar* — nhapmã. *V. Vigiar.*

Olhos — ketôme. — *chorosos,* ketome pâ mât.

Ombro — knõun *ou* inun-nung (?).

Omoplata — himpang.

Onça — cuparác. — *canguçu*, cuparác jac jâme.

Onde — hok'ré, âcrê. — *estás?* âcrê con' nhiép (?).

Ontem — taru-mprang.

Orelha — nhaknhône.

Órfão — jupú nuk.

Osso — kjék. — *do pescoço*, kjipok-jék.

Ostra — craukẽ.

Ouriço — hecró-nhó.

Outrem — *V. Camarada.*

Outros — angrêne.

Ouvido — nhak nhone má.

Ouvir — poũ.

Ovo — ninkú.

P

Paca — kecrôme.

Padre — tupáne.

Pagão — crene jeuk (=*cabeça em desordem*).

Pagar — ámp úp, jukjék, kjak jukjek. *Quanto me paga?* Otý tan ampup néh?

Pai — kjicáne.

Paina — areup, xonhon-xon.

Palha — jincáne. — *de milho*, jauaty jincáne.

Palma da mão — pó crót.

Palmeira — pontcheuk tchone; (*espécie rôrô*) potý-juntnháme.

Palmiteiro — *V. Palmito.*

Palmito — grôme. *Palmiteiro*, grome-tchone.

Panela — nak nek m'rang.

Pano — angutoũ (*voc. novo*).

Pântano — nak nhũ, (crinhót?).

Papagaio — cuán-cuán. — *creo-creo*, craytchá.

Papo, bócio — mem'tôu.

Para — *prep.* uá. — *baixo*, jouhá; — *cima*, bacuý; — *fora!* aprô mũ (= *anda fora*); — *frente*, aprôme. *V. Baixo.*

Paralisia (*das pernas*) — mũ jagynuk.

Parar — irá; (*demorar-se*) inchúne; (*estacar*) uvó; umpât.

Parecer — tánguá *ou* tauhá.

Parir — cruk-tá, nang-tá.

Partida — cone mũ.

Partir — *V. Sair.*

Passarinho — *V. Pássaro.*

Pássaro, passarinho — bacâne.

Passear — mũ guntá', ntchúne, nũ háme.

Pasto — *V. Campo.*

Pato — kták mún.

Pau — tchône. — *caído*, tchone etaĩ.

Pé — pótchá *ou* pó.

Pedacinho. — *V. Pedaço.*

Pedaço — cóne kíne *ou* meik. *Pedacinho*, knhinhĩ.

Pedra — tacrúk.

Pega! Pega! — *V. Pegar.*

Pegar — (*apoderar-se*) hôme tchá húme; (*agarrar*) méne. *Pega! Pega!* cone méne! cone mene!.

Peido — inteik.

Peito — míme; (seio) pareuk.

Peixe — umpók *ou* pók. *Pegar* —, umpók awó *ou* jókgêne.

Pejada — gipým.

Pelar — aráng.

Pele — cáte. — *grossa*, cate náh.

Pêlo — ké.

Pena — bacâne ké. — *da cauda*, jó-ké. *V. Asa.*

Pensar — carý.

Pente — curáng.

Pentear — crêne curáng.

Pequenino — niknhiine, cruk nhiine.

Pequeno — tontóne, cugý, nhíme.

Perdido — *V. Muito mau.*

Pereba — manhâne-nhâne.

Perna — mak. *Tíbia,* m'rũ. *Fêmur,* mak-jék.

Pernilongo (*mosquito*) — p'táng.

Peroba — arene (?) agatâc.

Perto — nhareĩ, ámenék.

Pesado — muk'ráne.

Pescar — pók awó *ou* jokgêne.

Pescoço — jipúk.

Pestana — icán ké (=*cabelo da testa*).

Piau (*vermelho*) — tatú.

Picapau — hen-hen. — *pequeno,* he-hótchá.

Pimenta — kitontcheuk (?).

Pingar — nh'anchôk (nhan = m'nhán).

Pinguela — *V. Ponte.*

Pinhão — mau-hon.

Pinheiro — mau-hon tchone.

Pinto — a-han-han cruknhíne.

Piolho — knhĩ-knhã.

Pisar — nhang. *Pisou na bosta,* incú nhang.

Pistola — umpũ mek-mek (=*espingarda curta*).

Plantação — ambuým pým.

Plantar — uým pým. — *milho,* jauáty uympym.

Pó — *V. Poeira.*

Pobre — nang pó jeuk *ou* nhin cone am'nuk.

Poeira, pó — áme to-hãu.

Poente — tepó mũ k'rak.

Pólvora — púm jacú.

Ponte, pinguela — tchone atâcuýp.

Por — apâ. — *baixo,* crópeu (?), jouhá; *cima,* bacuý.

Pôr — *v.* jek, geĩ, péne. *Não ponha a mão,* pô pen nuk.

Porco — (*do mato*) corêk; (*de casa*) corêk jú.

Porque — tocone híme m'rã.

Porta — ampmá, apók (?).

Português — cray crentone (=*gente de má cabeça*).

Pote — jak nek.

Pouco — niknhíne.

Poupar — nuk ing (?).

Prata, níquel — grimgrim nhôme.

Preguiça — (*vício*) nham' nhit; (*animal*) e-hó.

Prenhe — gipým.

Prepúcio — kjú-cáte.

Principal, maioral — pakjú, majocóme.

Procurar — jahá.

Pronto — *V. Cosido.*

Provar — crome, croupóp.

Pular, saltar — na-hang, prou-rũ.

Pulga — tũ pakjú.

Pulso — ing' ré.

Punhado — unhã. *Traga um* —, unhã renĩ.

Puta — juknã (?) djocáne.

Puxar — an tchorót, nũ gruk.

Q

Quadril — képró.

Quanto — *V. Quão.*

Quão, quanto — tan.

Quase — mg'rá, curáne (?).

Quati — ak-jek.

Que — tocône. — *é?* tocone íme? — *é de?* hóg.

Quebrar — cuême, nu tang, nu knhék. *Quebrou o pau,* tchon' atang.

Queijo — pocokrý pareuk.

Queimar — hóume, haugâ. *Queima o pé,* ti pó houme; *tire que queima,* cone pâ um íme haugâ.

Queixada — jak jek.

Quem — miná.

Quente — gitchá. *Muito* —, hú-hú.

Querer — práme; (*desejar*) curáne, caryý. *Quero beber,* jop práme.

Quiabo — kijapâ.

Quinhão — nhiuk cone.

R

Rã — cra-hók-cra-hók.
Rabo (*de ave*) — jóké.
Racha — cupa numpĩ.
Rachar — cone ampĩ.
Raio — tarú tecrĩ.
Raiva — grang.
Raiz — tchone gitác.
Ralo — ambũ (?) rat mapmah.
Ramo — k'ríta.
Ranho — an-gogýne.
Rapariga — juknã orang.
Rapaz — ua-há orang.
Raro — potchik.
Rasgar — nu 'ngnhoũ.
Raso — neup, japrók. *Vaso* — , cuhy neup.
Rato — neut-neut.
Rebate — ingrú.
Receber — *V. Tomar.*
Rêde — cone tcháme.
Redemoinho — tecuý-reuýk.
Regato — m'nhã cugý; uatú nhik nhýne.
Relâmpago — tarú tim'rê.
Remanso — m'nhã tú.
Remar — tchoncát awon.
Remendar — mantchoũ.
Remo — tchone pâ.
Remover — *V. Tirar.*
Retalhar — nimpók.
Retorcido — *V. Torcer.*
Retrato — ketome cháa *ou* nangrane jicaráme.
Ribeiro — *V. Rio.*
Rio — uatú. — *caudaloso,* uatú kjúme. *Ribeiro,* uatú nhik nhýne.
Rir-se — hang.
Roça — am'm'rim. — *bem feita,* pi re-heĩ; — *mal feita,* pitone.
Roçar — amapm' rim.
Rodela ou botoque — nhimatú.
Rôla — poũ cugý *ou* cuême cugy.
Rolha — hine máh (= *tapa buraco*).
Rôlo — ame tu-hume (?).
Roncar — inghikík.
Rosário — pó-hâte (?).
Rosto — ketôme, knhimpoũ. *V. Cara.*
Roupa — kja-cang.

S

Sabão — sauôn (*voc. novo*).
Saber — jagý.
Sabiá — tchá cuy cuýk, choncrêne tchá, keup mók mók.
— *cica* — nhipam' tchá.
Sabugo — jauatý pók.
Saco, sacola — tapang.
Sacola — *V. Saco.*
Sacudir — nũ cuoũ.
Sagui — nhik-nhik (sussuý).
Saia — kja-cang.
Sair — oré hime; (*partir*) apró mũ.
— *da casca, nascer* — crúk-tá.
Sal — tchák.
Saliva — knhan k'rýta.
Salsa — ampnhũ.
Saltar — *V. Pular.*
Samambaia — iký.
Sangrar, sangria — nũ gró, nũ tchuk (?).
Sangria — *V. Sangrar.*
Sangue — cam' tchâk.
São — ere-hé, - pôt (?).
Sapato — pó cáte.
Sapo — kenkó.
Sapucaia — há.
Saracura — tchá cúk.
Saraiva, chuva de pedra — tacruk pen.
Sarampo — hú-hú brucucúk.
Sarar — ím' tcheuk.

Sarna — manhúnenhúne.

Sauá — brucák.

Saudade — neĩ *ou* aneĩ.

Secar, sêco — um' tcheuk. — *a água*, m'nhã cuême; — *carne*, tcheu-heng-tchin knhĩ.

Sêco — *V. Secar*.

Sêde — m'nhã prâme *ou* jôp. *V. Beber*.

Seio — *V. Peito*.

Semear — uýmpým.

Semelhante — *V. Irmã*.

Semente — jáme, créne.

Sentar-se — nhiép. *Sente-se aqui*, nhiép cré.

Sentir — nu hép.

Ser — áme, íme.

Serelepe — juk-nék.

Sereno — tâpe.

Serra — angueroũ.

— *de pedra* — crák.

Sinal — knhak, pócrâne.

Só, sòzinho — pótchik, nhimó knhang.

Sobrancelhas — câne-ké.

Sôbre — jouép.

Sobrinho — cruk-nũ.

Socar — cunhâng. — *café torrado*, hime cunhâng.

Sodomia — munhek-munhek.

Sol — tepó. *O calor do — queima*, tepó gitchá ambrucucúk.

Soltar — *V. Largar*.

Solteiro — gitchocane potchik.

Soluço — eu-á.

Sombra — djicarâme. — *de árvore*, angupâ áme.

Sombrio — amecheuk (= *é fresco*).

Sonhar — tchang. *Sono*, numeik, cucujune.

Sono — *V. Sonhar*.

Soprar — cone acú.

Sovaco — jopók mák *ou* jopokmacró.

Sòzinho — *V. Só*.

Subir — mũ juép; (*trepar*) mu-héme.

Suco — emprúme.

Sujo — hime. *Rosto* —, ketome hime.

Suor — cucâne.

Surdo — ametchopoũ nuk.

Suspender — nu-hút.

Susto — engrú.

T

Tabaco (*pó*) — ankinnang-óhý.

— (*para fumar*) — khúme *ou* ankinnang, *V. Fumo*.

Talhar — gýh.

Talo — pok-jek.

Tamanduá — cújáne.

Tapar — jakhýp.

Taquara — kecrók.

Tarde, fora de horas — ti m'ruc-m'rúc.

Taruíra — *V. Víbora*.

Tatu — (*ira*) guntchúne; (*canastra*) guntchúne cocâne.

Telha — naktó-tchone.

Temer, temor — cukýne.

Temor — *V. Temer*.

Tempo — *V. Idade, Longo*.

Ter — cuang. *Tens?* Oti cone cuang? — *Não*, anguýn.

Terra — nák.

Tesoura — maknáng.

Testa — kéune.

Testículo — tcháme.

Teu — otei, oti, ti.

Tíbia — *V. Perna, Canela*.

Tigela, gamela — cu-hý.

Tio — giknã.

Tirar, remover — oré. — *embira*, m'rin jôpong; — *casca de pau*, tchone cát atô.

Tiritar — *V. Tremer*.

Todos, tudo — pantã.

Toicinho — corék cumã.

Tomar — (*receber*) úmm; (*apanhar*) pen, ang'rak.

Toque, contato — nũ nhik.
Torcedura — atang.
Torcer — caták (?). *Torto, retorcido,* tang-tang.
Torto — *V. Torcer.*
Tosquiar — ké cumeng.
Tosse, tossir — ha-háme. *V. Catarro.*
Tossir — *V. Tosse.*
Trabalhar — tupý *ou* pý.
Traição — japacuýne.
Traíra — pók empók.
Trancar — nu-pók.
Trazer — rini, pirenī.
Tremer, tiritar — reu-reu.
Trepadeira (*que contém amido*) — mo-hī.
Trepar — mu héme, mũ juép. *V. Subir.*
Três — crotouýp.
Tripa — cuã. — *grossa,* intuntú.
Triste — g'rang.
Trocar — *V. Comprar.*
Troncho — *V. Cotó.*
Trôpego — mũkná.
Trouxa — táh.
Trovão — tarú umpúm, Tupáne jak jâme.
Trovoada — tarú tecrýn.
Tu — otei, oti *ou* ti.
Tucano — curâ tchá, bacâne tchá.
Tudo — *V. Todos.*
Tufão — tarú jakjâme.
Turbilhão — pouvík.

U

Um — potchík.
Umbigo — knhákhik.
Úmido — tip'.
Unha — pó rinhák.
Único — potchik, runúk.
Urina, urinar — píjáng.
Urinar — *V. Urina.*
Uru, capoeira (*ave*) — rararát.
Urubu — ampâ.
Urucu — tchone crêne.

V

Valente — makjocôme.
Vapor — intó-hó ro-hon.
Vara — mak'an tchone, tchone m'rin.
Varíola — *V. Bexigas.*
Vários — *V. Muito.*
Varrer — kjeme arý.
Vasar — jujú, ajú.
Vasilha — mâráng.
Vassoura — k'rýta.
Vau — m'nhan' máh.
Vazio — arang, jeuk.
Veado — bocrýn.
Velho — makinháme.
Venta — kjin máh.
Vento — tarú guknhũ *ou* tarú acú.
Ventosear — intýk.
Ventre — cuang japok.
Ver — câng, pip.
Verdade — kwíne nuk, gampoi.
Verde — (*não maduro*) cone nhome; (*côr*) cone nhinrúne, nũ bruk.
Vergonha — k'rak.
Vermelho — brucucúk.
Vesgo — ketome tang.
Vespa — pantocône.
Veste, vestido — kjacáng.
Vestido — *V. Veste.*
Víbora, taruira — mók.
Vigiar — anhapmã. *V. Olhar.*
Virilha — kepró.
Visitar — atô.
Vir — nī. *Veio já,* japreu; *vem cá,* nī crê *ou* cuá; *vim cá um dia,* temprán

nhik nī crê; *vim cedo*, antchúne ame nī *ou* nhik nī; *vim tarde*, tetú nhik nī; *há muito que não venho cá*, ame jocone nhik nī nuk crê.

Virgem — V. Donzela.

Viver — acuáng.

Voar — mũ.

Vocês — antchúk. — *não são como os outros*, antchuk tauá (*parecem*) nangráne nuk.

Voltar — renī.

Vomitar — nhop munhī.

Vós — ti, oti, oteí.

X

Xícara — cu-hy *ou* chik (*voc. novo*).

Z

Zangado — jakjame.

Zombar — V. Caçoar.

FRASES SÔLTAS

Quantos dias se leva para chegar aos Gut-Krak?	Tan temprang japreu Gut-crak kjeme uá?
Quero visitar os Gut Krak.	Nhik Gut-crak atô curane.
A moradia dos Gut-Krak *é longe?*	Gut-crak kjeme uáng?
Aonde vais?	Mũ aný?
Onde moram os Miñãjirũ?	Hócrê M'nhan girũ kjeme?
V. já foi à terra dêles?	Oti M'nhan girũ kjeme amumũ?
Êles andam vestidos ou nus?	Antchuk jacang-tá, m'rin um áme?
Êles vivem alegres.	Antchuk cantchane.
Esta vida é muito triste.	Umnhý tóne.
A criança está viva.	Nang cuáng.
Quantas canoas têm êles?	Tan antchuk tchom-cáte?
Nós vamos hoje.	Temprán nuk nangráne jampáne *ou* mũ-néh.
Êles foram ontem.	Antchuk temprán grimpó jampáne.
Vós ireis amanhã.	Otý temprán jampáne.
Os bugres têm casa?	Borúm kjeme?
— *Não.*	— Kjeme anguín.
Quem é o dono daquela roça?	Miná inhúk am'rin ngáme?
Quem plantou aquêle bananal?	Miná gipocáne uýmpým?
V. quer ir comigo?	Otý intchou mũ curane?
Quando eu fôr, levo V.	Nhic mũ, ty antchou mũ.
Vá acender fogo.	Tchompék pe-heī mũ.
Vá fazer um buraco para fincar mourão.	Nak máh tpý, tchon' âtúk.

Vá buscar aquilo.	**Mũ tocone pine.**
V. sabe remar canoa?	**Otý tchou cáte awô jagý?**
Este rapaz é bonito.	**Nang nime ere-hé.**
Esta rapariga é sabida.	**Juknã jagý.**
Este velho sabe tudo.	**Makinháme jagý gicaráme.**
V. quer vir comigo?	**Ty intchô mũ curane?**
Este menino fala bem.	**Cotâ anhaprang jagý.**
Este rio é largo	**Uatú 'ngame gipakjú.**
Esta moça é alta.	**Croponýme am' orône.**
Este menino é pequeno.	**Cotâ tontone.**
Atire o sapato fora.	**Pó cát angring uá.**
Atice com fôrça.	**J'cutúk m'ron.**

FIM

RELAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

PERIÓDICOS E JORNAIS

A.C.I.A. — Anais do XX Congresso Internacional dos Americanistas. Rio de Janeiro. I - 1932.

A.I. — Abelha do Itaculumi. Ouro Preto. Minas Gerais.

C.S.P. — O Comércio de São Paulo. São Paulo.

F.N. — Fôlha do Norte. Belém. Pará.

G.P. — Gazêta do Povo. Curitiba. Paraná.

J.B. — Jornal do Brasil. Rio de Janeiro.

R.A.M. — Revista do Arquivo Municipal. São Paulo. LIV - 1939; XCVI - 1944.

R.A.P.M. — Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte. Minas Gerais. II - 1897; IV - 1899; VIII - 1903; X - 1906; XI - 1907.

R.C. — Revista Católica. Publicação destinada aos interêsses do Catolicismo no Brasil. Rio de Janeiro. I a IV e VI a IX - 1895-1897.

R.E.A.B. — Revista da Exposição Antropológica Brasileira. Rio de Janeiro. 1882.

R.S. — Revista da Semana. Rio de Janeiro. 2-6-1901.

R.S.E.C.I. — Revista da Sociedade de Etnografia e Civilização dos Índios. São Paulo, N.º 1, julho de 1901.

R.I.H.G.B. — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro. VIII - 1846, 2.ª ed. 1867; IX - 1847, 2.ª ed. 1869; XXI - 1858; LXIII - 1900; LXIV - 1901.

R.I.H.G.E.S. — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Espírito Santo. Vitória. N.º 7 - março de 1934.

R.I.H.G.S.P. — Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo. VI - 1900-1901.

R.M.P . — Revista do Museu Paulista. São Paulo. VIII - 1911; XVI - 1929.

S.C. — Santa Cruz. Pequena Revista de Religião, Letras, Artes e Pedagogia, por um grupo de cooperadores salesianos. São Paulo. Liceu do S. Coração. I. N.º 9, junho de 1901.

S.M. — Sul de Minas.

Z.E. — Zeitschrift für Ethnologie. Berlim. XIX. 1887.

L I V R O S

Abreu, Sílvio Frois de — Os índios crenaques (Botocudos do Rio Doce) em 1926. R.M.P., XVI: 569-601.

Almeida, Hermenegildo Antônio Barbosa — Viagem às vilas de Caravelas, Viçosa, Pôrto Alegre, de Mucuri e Peruipe. R.I.H.G.B., VIII : 425-452.

Castelnau, Francis de — Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Pará, exécutée par ordre du gouvernement Français pendant les années de 1843-1847. Paris. 1852.

Castro, O. H. de Aquino e — Discurso comunicando o falecimento de Monsenhor Claro Monteiro do Amaral. R.I.H.G.B., LXIV : 197-198.

Chagas, Paulo Pinheiro — Teófilo Otoni, ministro do Povo. Travessa do Ouvidor, 27. Rio de Janeiro. s. d.

Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. Exploração dos Rios Feio e Aguapeí (Extremo sertão do Estado). 1905. São Paulo. 1906.

Ehrenreich, Paul — Ueber die Botocudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Gerais. Z.E., XIX : 1-82.

Eschwege, W. L. von — Journal von Brasilien. Weimar. 1818.

Estigarríbia, Antônio — Trecho de um relatório apresentado pelo inspetor Antônio Estigarríbia à Diretoria do Serviço de Proteção aos Índios, no ano de 1912, relativamente aos índios do Rio Doce. R.I.H.G.E.S., 7: 20-52.

Freireyss, G. W. — Viagem a várias tribos selvagens na Capitania de Minas Gerais, permanência entre elas, descrição de seus usos e costumes. R.I. H.G.S.P., VI : 236-252.

Goetling — Sôbre a língua dos botocudos. *In* Wied, 483-486.

Guérios, R. F. Mansur — Entre os botocudos do Rio Doce. G.P., 18, 20 e 21 de junho de 1944, *apud* Baldus, R.A.M., XCVI: 217-218.

Guido Tomás Marlière — Notícias e Documentos sôbre a sua vida. R.A.P.M., XI : 3-252.

Handbook of South American Indians. Julian H. Steward, Editor. United States. Washington. 1946. I : 531-540.

Hartt, Carl Fredrich —

1. Appendix on the Botocudos. *In* Geology and physical Geography of Brasil. Boston-London. 1870 : 577-606.
2. Vocabulary of the language of the Botocudo. Ms. inédito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Autógrafo de 33 ff. N.º 11.505 CEHB. I, 32, 12, 7.

Hummel Olavo — Relatório apresentado pelo engenheiro Olavo Hummel. *In* Comissão... : 1-2.

Ihering, Hermann von — Os botocudos do Rio Doce. R.M.P., VIII : 38-51.

Jomard — Notícia sôbre os botocudos, acompanhada de um vocabulário de seu idioma e de algumas observações. R.I.H.G.B., IX : 107-113.

Latham, R. G. — Elements of comparative philology. London. 1862 : 509-512.

Leme, Luiz Gonzaga da Silva — Genealogia Paulistana. VII. São Paulo. 1905.

Lima Júnior, Júlio Bierrenbach — Relatório apresentado pelo sr. Júlio Bierrenbach Lima Júnior, 2.º ajudante. *In* Comissão. ... : 11-14.

Loukotka, Chestemir —— Línguas indígenas do Brasil. *In* R.A.M., LIV : 147-174.

Marcondes, Ataíde — Pindamonhangaba. Apontamentos históricos, geográficos, genealógicos, biográficos e cronológicos (1680-1906). São Paulo. 1907.

Marlière, Guido Tomás —

1. Vocabulário das tribos de botocudos, apelidadas Krakmun, Pajaurûm e Naknanuk, habitantes das vertentes do Rio Doce e Jequitinhonha. A.I., 29-4 a 27-5 de 1825.
2. Vocabulário português-botocudo. Ms. inédito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Autógrafo de 31 ff. numeradas. 15 x 11. N.º 11.485. CEHB. I, 1, 1, 3.
3. Língua botocuda. R.A.P.M., X : 545-549.

Martius, John Bapt. von Spix und Carl Friedr. Phil. von — Glossaria linguarum Brasiliensium. Erlangen. Druck von Junge & Sohn. 1863.

Melo, F. I. Homem de — Elogio Histórico de Monsenhor Claro Monteiro do Amaral. R.I.H.G.B., LXIV, II : 198-200.

Monteiro, Monsenhor Claro —

1. Artigos in R. C. :

a) A catequese dos índios no Brasil. II : 8-11; 160-163.

b) A causa das grandes desgraças sociais e seus remédios. IV : 145-150.

c) A direção dos aeróstatos e o sr. João Auto de Magalhães Castro. I : 225-227.

d) A Igreja Católica, a Democracia e a República. I : 257-270; II : 49-54; 147-154; 254-260; III : 51-57; 114-118; 204-208.

e) A inércia é mortal. IV : 97-100.

f) A ressurreição religiosa de um povo. VIII : 203-205.

g) A vida da Igreja no Brasil sob o regime da separação. IV : 145-150.

h) As lições da história. IX : 253-255.

i) Castigo do céu. VI : 103-109.

j) Escrínio Eclesiástico. VI : 32-35; 81-85. VII : 209-211; IX : 81-82; 167-169.

k) Excursão pelo Espirito Santo. VII : 251-255. VIII : 58-63.

l) O divórcio. IX : 99-104. ,

m) O divórcio e o bacharel laureado James F. Darcy. IX : 266-270.

n) O futuro da Europa. IV : 53-54.

o) O padre e o soldado. VII. 109-112.

p) Peregrinação do bispo do Espírito Santo em excursão ao interior de São Paulo. IX : 147-151.

q) Privilégios da Igreja brasileira. IV : 442-443; 494-496.

r) Syllabus. VI : 61-70.

s) Uma glória franco-brasileira. I : 282-284.

t) Um estímulo aos patriotas sinceros e católicos. VI : 1-6.

2. Princípios Elementares de Literatura Latina, de acôrdo com o programa oficial para uso dos alunos do Seminário Episcopal. São Paulo. Tipografia da Companhia Industrial de São Paulo. 1894.

3. Memória sôbre usos e costumes dos índios guaranis, caiuás e botocudos. R.I.H.G.B., LXIII, II : 263-273.

4. Vocabulário português-botocudo por C. Monteiro, antístite urbano. Ms. da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo. N.º 97.641 da Secção de Artes, Raridades e Mapoteca.

Moura, Gentil — Relatório apresentado pelo sr. Gentil Moura. *In* Comissão ... : 3-10.

Neri, d. João Batista Correia — Carta Pastoral, despedindo-se da Diocese do Espírito Santo, seguida de algumas notícias sôbre a diocese. Campinas. 1901.

Nimuendaju, Curt — 1. Vocabulários botocudos. Documentos inéditos do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

2. Social organization and beliefs of the Botocudo of the eastern Brasil. Reprinted from Southwestern Journal of Anthropology. Vol. 2. Number 1. Spring. 1946. The University of New Mexico Press. Albuquerque.

Orbigny, Alcide d' — L'home Américain. Paris. 1839.

Otoni, Teófilo Benedito — Notícia sôbre os selvagens do Mucuri, em carta dirigida ao dr. Joaquim Manoel de Macedo. R.I.H.G.B., XXI : 191-238.

Pitanga, A. F. de Sousa — Elogio histórico de Monsenhor Claro Monteiro do Amaral. R.I.H.G.B., XXI : 191-238.

Pompeu, A. — Os paulistas e a Igreja. São Paulo. 1929.

Porte, Marcus — Vocabulário dos Botocudos. *In* Jomard : 109-111.

Renault, Pedro Vitor — Exploração dos rios Mucuri e Todos os Santos e seus afluentes, feita por ordem do govêrno da Província, pelo engenheiro dr. Pedro Vitor Renault. Colecionada e organizada por Léon Renault. 1903. R.A.P.M., VIII : 1049-1115.

Ribeiro, Jacinto José — Cronologia Paulista. São Paulo. 1901.

Rudolph, Bruno — Wörterbuch der Botokudensprache. Hamburg. Fr. S. Thaden. 1909.

Saint-Hilaire, Adolph —

1. Segunda viagem no interior do Brasil. Espírito Santo. Brasiliana. Série 5.ª. São Paulo, 1936.
2. Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Brasiliana. Série 5.ª vol. 126 A. Comp. Editora Nacional. São Paulo. 1938.

Silva, Antônio Carlos Simoens da — A tribo dos índios crenaques (Botocudos do Rio Doce). A.C.I.A., I : 61-84.

S. P. I. —

1. *Relatórios:*
   a) 29-1-1941 — de Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcelos.
   b) 2-3-1942 — de Mariano de Oliveira Sampaio.
   c) 1944 (sem mais indicações).
2. *Vocabulários:*
   a) Vocabulário colhido no Pôsto Guido Marlière pelo Inspetor XIX, Benedito Pimentel. Setembro de 1945.
   b) Idioma falado pelos índios do Pôsto Indígena Guido Marlière de *Krenák*. Por Álvaro Silva. s.d.
   c) Vocabulário Pojitxá. s.d.

Trança, Leite — Vocabulário dos botocudos do aldeiamento do Mutum. R.E.A.B. : 19-20.

Tschudi, J. J. von —

1. Die Brasilianisch Provinz Minas Gerais. Gotha. Justus Perthes. 1862.
2. Reisen durch Süd America. Leipzig. 1866-1869.

Vários Documentos — Sôbre os botocudos. R.A.P.M., IV : 784-786.

Wied-Neuwied, Maximiliano, Príncipe de — Viagem ao Brasil. Brasiliana. Grande Formato. Série 5a. Comp. Editora Nacional. São Paulo. 1940.

RESUMO

Numerosos em começos do séc. XIX, os botocudos reduzem-se, hoje, a poucos indivíduos já civilizados, aldeados no Pôsto Indígena Guido Marlière, em Minas.

A A. considera de particular interêsse o estudo da língua botocuda, que dispõe de documentação desde uma fase de vigor do grupo até sua aculturação e próximo extermínio, é das pouco conhecidas línguas de tapuias, e deve refletir variações fonéticas especiais provocadas pelo uso do botoque.

Êste trabalho apresenta um vocabulário português-botocudo organizado por Monsenhor Claro Monteiro do Amaral, sacedorte paulista em missão no Espírito Santo, em 1898-9. Não isento de defeitos, oferece, entretanto, qualidades que o recomendam. Principalmente, permite fixar mais um ponto no curso evolutivo da língua botocuda, cujo levantamento histórico só poderá ser obtido através das observações de que vem sendo alvo há mais de um século.

52

PUBLICAÇõES DA

SECÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO LINGÜíSTICA

1 — *José de Anchieta* — AUTO REPRESENTADO NA FESTA DE SÃO LOURENÇO — Peça trilingüe do séc. XVI, transcrita, comentada e traduzida, na parte tupi, por *M. de L. de Paula Martins* — 1948 — São Paulo — Brasil.

3ª capa